

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Daniele França dos Santos Ferreira

Corpo e psicose na análise de Lacan do caso Schreber

Juiz de Fora

2025

Daniele França dos Santos Ferreira

Corpo e psicose na análise de Lacan do caso Schreber

Orientador: Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferreira, Daniele França dos Santos.

Corpo e psicose na análise de Lacan do caso Schreber / Daniele França dos Santos Ferreira. -- 2025.

86 p. : il.

Orientador: Richard Theisen Simanke

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2025.

1. Corpo. 2. Psicose. 3. Lacan. 4. Schreber. I. Simanke, Richard Theisen, orient. II. Título.

Daniele França dos Santos Ferreira

Corpo e psicose na análise de Lacan do caso Schreber

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Programa da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: História e Filosofia da Psicologia.

Orientador: Dr. Richard Theisen Simanke

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke | Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Prof. Dr. Daniel Omar Perez
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Prof. Dr. Wilson Camilo Chaves
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

À memória de meu avô Jorge, que partiu
antes de ver este sonho realizado, mas que
permanece vivo em minhas lembranças e em
tudo que conquistei até aqui.

AGRADECIMENTOS

Há dois tipos de pessoas a agradecer: aquelas que têm plena consciência de que este trabalho seria inviável sem sua contribuição direta; e aquelas que, ainda que sem perceber, tornaram sua realização possível por meio de uma palavra, uma aula, um incentivo.

Agradeço, em primeiro lugar, a todos os professores que contribuíram para minha formação – desde os que, na infância e na adolescência, despertaram em mim o interesse pelo conhecimento, até aqueles que, ao longo da trajetória universitária, motivaram-me a seguir estudando. Registro minha gratidão ao meu orientador, Richard, exemplo de profissional e de pessoa, que me guiou na construção do que hoje compreendo como pesquisa acadêmica, sempre disposto a ensinar e a provocar reflexões que transcendem os limites deste trabalho.

À minha mãe, Patrícia, e ao meu pai, Leonardo, pelo amor incondicional que me sustenta e pela presença fiel nos momentos em que mais precisei de apoio e força. Obrigada por me transmitirem o valor do estudo e do trabalho.

À minha irmã, Mariana, por ter me dado, desde o início, o papel de ser irmã mais velha – e, junto a ele, o privilégio de crescer em sua companhia. Sou grata por sua amizade, pela cumplicidade e por estar sempre comigo, em todas as fases da vida.

À toda a minha família, pela base sólida que me proporcionaram. Em especial à minha avó, Kátia, minha segunda mãe, que representa, para mim, o verdadeiro sentido do amor e do cuidado.

Também aos meus tios, Jorge e Luciana, que, quando eu ainda mal compreendia o que significava um mestrado ou um doutorado, já me faziam desejar ter algo parecido um dia – e que, mesmo a um oceano de distância, seguem sendo grandes referências para mim.

Ao Luiz, por sempre me incentivar a ir em frente, e, principalmente, por vir ao meu lado.

À CAPES e à FAPEMIG, pelo substancial fomento da pesquisa.

“Though this be madness, yet there is method in’t.”

— William Shakespeare, *Hamlet*, Act II, Scene II.

RESUMO

A temática do corpo é um assunto bastante recorrente na teoria lacaniana. A relação do sujeito com o corpo, para Lacan, é duplamente mediada pela imagem e pelo significante, tal como se expressa em dois momentos emblemáticos de seu ensino. Num primeiro momento, na teorização sobre o estágio do espelho, o principal operador da subjetivação do corpo é a imagem e a constituição do sujeito é pensada, sobretudo, no registro do imaginário. Num segundo momento, Lacan privilegia o registro do simbólico, e o significante se torna o mediador por excelência da relação do sujeito com o corpo, agora concebido, acima de tudo, como um suporte para as operações da letra. Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é refletir sobre a questão do corpo na teorização sobre as psicoses a partir da leitura de Lacan do caso Schreber. O caso Schreber foi escolhido por sua relevância na formulação da teoria lacaniana das psicoses e também devido ao destaque que os sintomas corporais possuem na sintomatologia do caso. Esta investigação, de caráter teórico-conceitual, analisa essencialmente o terceiro seminário (1955-1956) de Lacan, com destaque para sua leitura e interpretação do livro de memórias de Schreber ao longo do mesmo e sua retomada e crítica da abordagem freudiana. Recorre ainda à literatura existente sobre Daniel-Paul Schreber para fins de contextualização e para buscar outras perspectivas sobre os aspectos de sua sintomatologia que concernem à questão da corporeidade. Conclui-se que, partindo do caso Schreber, Lacan infere que os sintomas e fenômenos que envolvem o sujeito psicótico e o seu corpo podem ser concebidos como tentativas de estabilização, que fazem suplência ao déficit do significante paterno quando não é possível uma intermediação do aparelho simbólico.

Palavras-chave: Corpo. Psicose. Lacan. Schreber.

ABSTRACT

The concepts of body and psychosis in the psychoanalysis of Jacques Lacan

The body is a recurring theme in Lacanian theory, in which the subject's relationship with its body is mediated by both the image and the signifier. This complex dynamic is articulated in two pivotal moments of Lacan's teaching. Firstly, his mirror stage theory posits the image as the primary operator of the body's subjectivation, situating the subject's constitution predominantly within the imaginary register. Later, Lacan shifts emphasis to the symbolic register, where the signifier becomes the paramount mediator of the subject's relationship with its body, now conceived primarily as a support for the inscriptions of the letter. This research examines the concept of the body in Lacan's theorization of psychosis, drawing on his analysis of the Schreber case. This case is chosen for its instrumental role in developing Lacan's theory of psychosis and the prominence of bodily symptoms in its clinical presentation. The study adopts a theoretical-conceptual approach, focusing on Lacan's third seminar (1955-1956) and his interpretation of Schreber's memoir. Through this analysis, Lacan argues that the symptoms and phenomena involving the psychotic subject and its body can be understood as attempts at stabilization, compensating for the absence of the paternal signifier when symbolic mediation is unattainable.

Keywords: Body. Psychosis. Lacan. Schreber.

RESUMEN

Cuerpo y psicosis en la lectura que hace Lacan del caso Schreber

La temática del cuerpo es un asunto bastante recurrente en la teoría lacaniana. La relación del sujeto con el cuerpo, para Lacan, está doblemente mediada por la imagen y por el significante, tal como se expresa en dos momentos emblemáticos de su obra. En un primer momento, en la conceptualización del estadio del espejo, el principal operador de la subjetivación del cuerpo es la imagen, y la constitución del sujeto se concibe, sobre todo, en el registro de lo imaginario. En un segundo momento, Lacan privilegia el registro de lo simbólico, y el significante se convierte en el mediador por excelencia de la relación del sujeto con el cuerpo, ahora concebido, ante todo, como soporte para las operaciones de la letra. En este contexto, el objetivo de esta investigación es reflexionar sobre la cuestión del cuerpo en la teorización de las psicosis, a partir de la lectura que Lacan realiza del caso Schreber. El caso Schreber fue elegido por su relevancia en la formulación de la teoría lacaniana de las psicosis y también por el protagonismo que tienen los síntomas corporales en la sintomatología del caso. Esta investigación, de carácter teórico-conceptual, analiza esencialmente el tercer seminario (1955-1956) de Lacan, haciendo especial énfasis en su lectura e interpretación del libro de memorias de Schreber a lo largo del mismo, y en su retomada y crítica del enfoque freudiano. A partir del caso Schreber, Lacan concluye que los síntomas y fenómenos que involucran al sujeto psicótico y su cuerpo pueden concebirse como intentos de estabilización que suplen la falta del significante paterno cuando no es posible una mediación del aparato simbólico.

Palabras clave: Cuerpo. Psicosis. Lacan. Schreber.

RÉSUMÉ

Le corps et la psychose dans la lecture lacanienne du cas Schreber

La thématique du corps est un sujet récurrent dans la théorie lacanienne. La relation du sujet avec le corps, pour Lacan, est doublement médiatisée par l'image et par le signifiant, comme cela s'exprime à deux moments emblématiques de son enseignement. Dans un premier temps, dans la théorisation du stade du miroir, le principal opérateur de la subjectivation du corps est l'image, et la constitution du sujet est pensée principalement dans le registre de l'imaginaire. Dans un second temps, Lacan privilégie le registre du symbolique, et le signifiant devient le médiateur par excellence de la relation du sujet avec le corps, désormais conçu avant tout comme un support pour les opérations de la lettre. Dans ce contexte, l'objectif de cette recherche est de réfléchir à la question du corps dans la théorisation des psychoses à partir de la lecture que Lacan fait du cas Schreber. Le cas Schreber a été choisi en raison de sa pertinence dans l'élaboration de la théorie lacanienne des psychoses et aussi en raison de l'importance des symptômes corporels dans la symptomatologie du cas. Cette investigation, de nature théorico-conceptuelle, analyse essentiellement le troisième séminaire de Lacan, en mettant en avant sa lecture et son interprétation du livre de mémoires de Schreber au fil du séminaire, ainsi que sa reprise et sa critique de l'approche freudienne. À partir du cas Schreber, Lacan conclut que les symptômes et phénomènes impliquant le sujet psychotique et son corps peuvent être conçus comme des tentatives de stabilisation, qui suppléent au manque du signifiant paternel lorsqu'une médiation par l'appareil symbolique n'est pas possible.

Mots-clés: Corps. Psychose. Lacan. Schreber.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A lição de anatomia do Dr. Tulp (1632)	28
Figura 2 – <i>Geradehaltel</i>	47
Figura 3 – <i>Geradehaltel</i> (em uso)	47
Figura 4 – O Esquema Óptico	54
Figura 5 – O Esquema L	57
Figura 6 – O Esquema L	61

APÊNDICES

APÊNDICE A – Biografia de Schreber (entre 1942-1989)	85
APÊNDICE B – Biografia de Schreber (entre 1989-1914).....	86

SUMÁRIO

Introdução	25
Capítulo I – O caso Schreber.....	30
Capítulo II – Considerações sobre o corpo na metapsicologia de Lacan	51
Capítulo III – Corpo e psicose na leitura lacaniana do caso Schreber.....	59
Conclusão	78
Referências bibliográficas	82

INTRODUÇÃO

Em 1902, Daniel Paul Schreber, juiz presidente da Corte de Apelação de Dresden, no leste da Alemanha, que havia sido internado numa instituição psiquiátrica por nove anos, conseguiu algo sem precedentes: escreveu em sua própria defesa para sair do asilo e conquistou a revogação de sua tutela. A principal evidência que ele apresentou em seu recurso foi sua autobiografia, posteriormente publicada pela excêntrica editora *Oswald Mutze*, de Leipzig, sob o nome de *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken* (ou como foi traduzido por Marilene Carone no Brasil: *Memórias de um doente de nervos*). Desde então, ele teve muitos leitores, entre os quais figuram grandes personalidades, como Freud e Lacan, que abordaram as *Memórias* de Schreber como um caso clínico e o usaram para engendrar suas teorias a respeito das psicoses.

A originalidade vista no caso Schreber se deve ao fato impressionante de que muito raramente um caso tão agudo evolui de maneira a permitir que o sujeito relate a próprio punho suas construções delirantes. Não obstante, essa exposição é feita com descrição meticulosa e fiel, o que produz um interessante contraste entre eixos místico, médico e (por que não) jurídico – todos entrelaçados na mais convencional linguagem acadêmica, própria de um homem de sólida formação intelectual. A escrita singular de Schreber viria a ser encarecida por Lacan, cujo endosso terminou por consagrar seu livro de memórias como um clássico da literatura psicanalítica.

O título deste trabalho contém dois termos, “corpo” e “psicose”, os quais, separadamente, poderiam ser fios condutores de uma leitura completa dos escritos e seminários de Lacan. Todavia, por motivos metodológicos, este estudo se restringe a apresentar um recorte de como ambos os conceitos são progressivamente introduzidos e desenvolvidos por Lacan na primeira metade da década de 1950. É indispensável esclarecer que, diante dos obstáculos histórico-conceituais de se propor uma definição absoluta tanto para “corpo” quanto para “psicose” em Lacan, essas conceituações serão continuamente reiteradas no decorrer do texto, a depender do período de sua obra na qual são referidas.

Não menos importante, faz-se necessário determinar que este não é um trabalho lacaniano, mas sim um trabalho sobre Lacan. Como definido por Simanke (2002):

“A obra polêmica de Jacques Lacan costuma despertar, com muita frequência, dois tipos de atitudes opostas: ou a adoração devota do

discípulo, que adere à doutrina antes de compreendê-la (ou que renuncia à compreensão para melhor adorá-la), ou uma crítica feroz, que rejeita em bloco a produção do autor, em nome de algum pecado imperdoável, conceitual ou de caráter. Ambas as atitudes são francamente passionais e nenhuma delas, portanto, se presta a uma apreensão objetiva da teoria.” (p.11).

Assim dito, o propósito desta pesquisa é investigar o problema da corporeidade na teorização sobre as psicoses a partir da interpretação que Lacan faz do caso Schreber. A escolha deste se justifica por sua relevância na elaboração da teoria lacaniana das psicoses e também devido à importância que o corpo possui na sintomatologia do caso. Para a construção dessa interpretação será adotada a análise sistêmica, metodologia teórica que possibilita a avaliação de como, em uma teoria, um dado conceito está associado a outras noções ou conceitos – e que sua compreensão exige justamente a explicitação dessa rede de relações (Laurenti, Lopes e Araújo, 2016). Ainda nesse nível de análise, o conceito pode ser investigado em diferentes textos de um mesmo autor, dando visibilidade às suas eventuais mudanças e inflexões (isto é, sua evolução).

Dito isso, o *Seminário, Livro 3: As psicoses* (1955-1956/1985) se apresenta como principal fundamento para a interpretação do sentido e dos desdobramentos dos conceitos de corpo e psicose na perspectiva de Lacan, com ênfase em sua leitura do livro de memórias de Schreber ao longo do mesmo. Esta pesquisa, pelo seu escopo e objetivos, tem um caráter metodológico eminentemente bibliográfico, recorrendo ainda à literatura secundária existente sobre Daniel Paul Schreber para fins de contextualização e para buscar outras perspectivas a respeito dos aspectos de sua sintomatologia que concernem à questão da corporeidade. Os textos escritos originalmente em alemão serão lidos apenas em suas versões traduzidas, enquanto os originais em francês serão concomitantemente trabalhados através da biblioteca virtual *Pas-tout Lacan*, disponível no site da *École lacanienne de psychanalyse* (<http://www.ecole-lacanienne.net/bibliotheque.php/>).

A dissertação está estruturada em três capítulos, sendo o capítulo inicial intitulado “O Caso Schreber” e dedicado à exposição detalhada da biografia de Daniel Paul Schreber, com atenção ao seu processo de adoecimento psíquico. O segundo capítulo, “Considerações sobre o corpo na metapsicologia lacaniana”, se desenvolve em volta de como a temática do corpo sofre reformulações ao longo das obras iniciais de Lacan – a depender dos compromissos

filosóficos assumidos por ele na instância de sua produção. Identifica-se um primeiro momento, na ainda incipiente teoria lacaniana do imaginário, organizada ao redor do conceito do Estágio do Espelho, no qual o corpo comparece na teoria primordialmente como a imagem do corpo – em outras palavras, o corpo real, biológico, só se torna “próprio” através de sua imagem. Já num segundo momento, quando o registro lacaniano do simbólico é privilegiado em sua retórica, no panorama de seu alinhamento com o estruturalismo, o corpo aparece como suporte da letra, isto é, como o real a ser trabalhado pelo significante na produção do sujeito. Esse segundo momento corresponde à formulação de sua teoria clássica das psicoses, tal como se observa exemplarmente no Seminário III (1956-1957) e é discutida no terceiro capítulo deste trabalho, cujo título é “Corpo e psicose na leitura de Lacan do caso Schreber”. Neste, são examinadas as premissas gerais de Lacan sobre a corporeidade no caso Schreber, à luz da forclusão do significante Nome-do-Pai, que singulariza a constituição do corpo na estrutura psicótica em relação à neurose, bem como seus efeitos sintomáticos que se demonstram no corpo pelo modo como este se articula à linguagem.

Num breve histórico, desde a influência filosófica greco-romana na civilização ocidental, correntes idealistas e tendências materialistas atravessam as reflexões sobre a corporeidade (Coppus e Maurano, 2021). Estas desembocam no mundo contemporâneo, no qual muito se comenta sobre a supervalorização do corpo, centrada, afinal, em sua imagem. Imagem essa que, respondendo ao mundo globalizado do terceiro milênio, faz do corpo um produto do mercado, dado a toda sorte de tratamentos e modificações estéticas.

Na diferenciação entre tendências idealistas e materialistas, quem melhor representa a abordagem idealista do corpo é a filosofia platônica. Platão (428-347 a.C.), partindo de uma perspectiva que separa corpo e alma, propõe que esta última se origina no mundo das ideias e se aprisiona num corpo no mundo real. Esse mundo da realidade seria o mundo das sombras, em que prevalecem as ideias confusas e erráticas, distante da Verdade encontrada no mundo das ideias. Dessa disjunção a filosofia aristotélica já não participa. Aristóteles (384-322 a.C.) sustenta uma posição bastante diferente da de seu mestre ao propor que a alma tem a forma do corpo, interagindo com o mundo a partir das percepções sensoriais, das intuições e da consciência.

Na Idade Média, a influência do cristianismo trouxe à tona uma revalorização do pensamento platônico através de Santo Agostinho. O corpo, cuja finalidade deveria servir apenas à procriação, comparece no mundo cristão como instrumento de pecado e objeto de

condenação. Daí o estímulo à ascese, exercício de elevação espiritual no qual as mortificações do corpo, como jejum, abstinência, autoflagelo, penitência, serviam à sua negação. Para Coppus e Maurano (2021), mesmo aqui se observa como a presença do corpo é imperativa, ainda que seja numa perspectiva sacrificial.

Apesar da extensão tomada pela prevalência da teologia católica na Idade Média, as transformações do mundo impuseram a chegada da modernidade. Estas foram favorecidas pelas grandes navegações, propiciando a descoberta do Novo Mundo, trazendo paisagens, cores e sabores antes desconhecidos; e também pela concepção copernicana que revelou que a Terra não estava no centro do universo, tampouco o homem.

Com a modernidade surge uma nova concepção de homem, e, consequentemente, de seu corpo (Coppus e Maurano, 2021). Rembrandt, um dos maiores pintores da história da arte europeia, ilustra muito bem essa passagem em *A lição de anatomia do Dr. Tulp*, de 1632. Neste quadro, um médico dissectiona um corpo, um cadáver para descobri-lo em sua intimidade – o que até então era um sacrilégio, dado que o olhar humano não deveria violar o que Deus ocultou. Nessa perspectiva, o Renascimento se impôs trazendo um novo olhar que ultrapassava as restrições do mundo medieval.

Fig.1. A lição de anatomia do Dr. Tulp (1632)



Fonte: Wikipedia [pt.wikipedia.org/wiki/A Lição de Anatomia do Dr. Tulp](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Li%C3%A7%C3%A3o_de_Anatomia_do_Dr._Tulp)

Em *O mal-estar na civilização* (1929), Freud destaca a ameaça de deterioração e decadência que vem do próprio corpo, na medida em que o sujeito tanto não o escolhe, quanto não controla seus desígnios, degeneração e morte, não tendo outra opção senão se submeter aos seus condicionantes. As práticas de marcar e modificar o corpo, que atravessam a história da humanidade, têm relação com o fato de o corpo ser fonte de mal-estar.

No âmbito das psicoses, esse mal-estar com relação ao corpo emerge de maneira mais radical e contundente. A relação do psicótico com o corpo se expressa numa escala que varia da total indiferença ao fato de existir um corpo até a constante referência aos órgãos e partes dele, geralmente num viés hipocondríaco. Talvez tenha sido precisamente essa natureza insólita das psicoses que incitou Lacan desde a sua tese de doutorado sobre a paranoia até os últimos seminários sobre James Joyce, sendo muitas vezes atribuído às suas contribuições o fato de a psicanálise, atualmente, não se limitar ao tratamento clínico de neuróticos.

CAPÍTULO I – O CASO SCHREBER

Em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* (1911), Freud explora o adoecimento do jurista alemão Daniel Paul Schreber a partir da perspectiva psicanalítica. Trata-se de um caso que, além de notório para a história da psicanálise, é distinguível dos demais porque Freud não atendeu clinicamente o juiz. Na verdade, toda a análise é embasada no livro intitulado *Memórias de um doente dos nervos*, escrito por Schreber como uma espécie de relato autobiográfico, por meio do qual pretendia tornar pública sua experiência. Desde que surgiu, em 1903, o livro se tornou alvo de amplo debate e gerou vasta bibliografia literária, médica e jurídica, motivando também estudos históricos e biográficos sobre Schreber e sua família.

Para um melhor entendimento da história clínica de Schreber, faz-se necessária a exposição de um resumo cronológico de sua vida (ver apêndices A e B). Sabe-se que Daniel Paul Schreber nasceu em Leipzig a 25 de julho de 1842. Foi o terceiro de cinco filhos de Pauline (*née* Haase) e Daniel Gottlieb Moritz Schreber. Seu pai era médico, ortopedista e idealizador da Ginástica Médica – uma espécie de manual destinado a pais e pedagogos com orientações ortopédicas e higiênicas a respeito da educação do corpo. Até os dias de hoje, o sobrenome Schreber é conhecido na Alemanha sobretudo pelas pequenas hortas urbanas – os *Schrebergärten* – que pontilham os perímetros das cidades alemãs e receberam seu nome em homenagem a Moritz Schreber. Seus textos sobre saúde pública e os benefícios do ar puro e do exercício inspiraram a criação desses jardins no fim do século XIX.

Entretanto, as atividades do Dr. Moritz Schreber não se reduziām ao incentivo à jardinagem (Marinho, 2006). Na realidade, compreendiam um verdadeiro apostolado sobre um novo modo de vida que exigia um rigoroso treinamento – e começava por sua própria família. Além das inofensivas experiências ao ar livre, havia a prática constante de exercícios físicos, aliados ao uso de aparelhos – por ele mesmo idealizados – para manter a postura durante as refeições, estudo e sono. Foi por essa razão que, apesar de uma carreira de muito êxito e marcada popularidade, a pretensão do Dr. Moritz Schreber de dirigir uma instituição pediátrica foi barrada pelas autoridades médicas locais devido ao caráter impetuoso de suas propostas. Em pouco tempo, a figura de Moritz Schreber foi convertida no sádico *pater familiae*, cujas práticas pedagógicas e equipamentos ortopédicos supostamente levaram à predisposição psicótica do filho. Não depõe a seu favor o fato de que o irmão mais velho de

Schreber – Gustav – suicidou-se com um tiro em 1877, aos 38 anos de idade. Das irmãs, apenas a mais velha, Anna Jung, teve descendentes.

Já a mãe de Schreber, embora tenha vivido 92 anos e, portanto, acompanhado toda a doença do filho, manteve-se afetivamente distante, o que se deduz pela ausência de correspondência com o filho (Baumeyer, 1972 *apud* Marinho, 2006). Os biógrafos de Schreber quase não fazem referência à figura materna: sabe-se apenas que era uma mulher pouco afetuosa, deprimida e dominada pelo marido. Imagina-se que o pai de Schreber teria usurpado as funções maternas, mantendo a esposa submissa às suas concepções quanto ao tratamento das crianças, embora a mesma aceitasse tal posição. Isso é inferido de uma carta da irmã mais velha de Schreber – Anna – na qual comenta o fato de a mãe participar das revisões e edições de textos do pai e ambos manterem um relacionamento harmonioso: “Nosso pai discutia com mamãe toda e qualquer coisa; ela participava de todas as suas ideias, planos e projetos; ela lia as provas tipográficas de seus escritos com ele e era sua companheira fiel e íntima em tudo” (Niederland, 1981 *apud* Marinho, 2006).

Sobre a infância de Schreber não há muitos registros – tudo indica que ele se submeteu sem resistência ao despotismo pedagógico do pai. Foi um aluno aplicado, de “natureza tranqüila, quase sóbria, sem paixão, com pensamento claro, cujo talento individual se orientava mais para a crítica intelectual fria do que para a atividade criadora de uma imaginação solta” (Schreber, 1984, p.9). Nos anos de juventude não se destacou pela inclinação à religiosidade: seu principal interesse era o estudo das ciências naturais, em particular a então moderna teoria da evolução. As *Memórias* revelam um homem de sólida formação cultural: sabia grego, latim, italiano e francês; conhecia história, ciências naturais e literatura clássica; e, para completar, era um exímio pianista. Sem falar nos conhecimentos jurídicos, que eram enfim sua especialidade.

Schreber iniciou seus estudos de Direito em 1860, um ano antes da morte do pai, tendo sido muito ativo em vários comitês de sua *Burschenschaft* (forma tradicional de corporação estudantil) e se destacado como mediador e palestrante. Depois de aprovado no exame estatal para o foro, exerceu variadas funções legais, que incluíram serviços na administração pública da Alsácia-Lorena durante a Guerra Franco Prussiana e na comissão federal encarregada de preparar o novo Código Civil para o *Reich*.

Em 1878, se casa com Ottlin Sabine Behr, quinze anos mais jovem. Sobre esse matrimônio, Marinho (2006) destaca a análise de Baumeyer (1972), que atribui à mulher de

Schreber “uma escrita primitiva e quase pueril”, parecendo “sempre perplexa e atemorizada perante a doença do marido” (p.202). É descrita como de temperamento infantil, tendo dado ao marido muito pouco apoio durante a sua doença. Em várias cartas, ela manifesta receio quanto à alta médica e revela as exigências de Schreber de que “tivessem oito ou seis dias de vida matrimonial” (p. 203). Diz ter aceitado manter relações sexuais com ele por medo de que a recusa fosse motivo para um pedido de divórcio. Assustava-a o duplo comportamento do esposo: afável e razoável, ao mesmo tempo que por vezes gritava, urrava e falava na necessidade dos parentes “suportarem os milagres” (p. 203).

Ottlin Sabine teve seis abortos espontâneos. Sua impossibilidade de levar uma gravidez a termo foi uma das maiores frustrações de Schreber. As pesquisas sobre a história dos Schreber revelam que a família já dispunha de certa distinção social, sendo aos homens reservado um pesado fardo de expectativas diante da manutenção do nome familiar. Em 1884, Schreber se candidatou pelo Partido Liberal Nacional (com o apoio do Partido Conservador) nas eleições para o *Reichstag* (assembleia regional). A eleição ocorreu a 28 de outubro e Schreber foi derrotado por 14.512 votos contra 5.762. A perda vexatória para o socialista Bruno Geiser desencadeou seu primeiro colapso nervoso, que culminou numa estada de seis meses no Hospital Psiquiátrico da Universidade de Leipzig. Decerto, os Schreber carregavam as marcas da tradicional família alemã de classe média alta, intelectualizada e com histórico de méritos profissionais, fazendo-os célebres por seu sucesso. Nessa perspectiva, sua derrota nas eleições ganha importância ainda maior, especialmente após um jornal da Saxônia publicar, em tom irônico: "Quem conhece esse tal Dr. Schreber?" (Carone, 1984, p. 10).

Em sua primeira internação no Hospital Psiquiátrico da Universidade de Leipzig, Schreber fica sob os cuidados de seu diretor, Dr. Paul Emil Flechsig, neuroanatomista de renome internacional, que se tornaria objeto da paranoia de Schreber. O que viria a acontecer entre Schreber e Flechsig é paradigmático no quesito do tratamento das psicoses, tanto no que concerne aos riscos quanto às potencialidades de cura. Fortemente organicista, o médico adotava métodos terapêuticos radicais em seu serviço, incluindo o uso da castração como tratamento das neuroses e de psicoses em sua clínica.

Nas *Memórias*, é breve a referência a essa internação. Schreber menciona uma crise de hipocondria aguda com ideias de emagrecimento, "sem qualquer incidente relativo ao sobrenatural" (Schreber, p.10). Entretanto, é documentado que o quadro era mais grave, com

manifestações delirantes não sistematizadas e duas tentativas de suicídio. Schreber se acredita incurável, queixando-se de ter perdido de 15 a 20 kg de peso (enquanto a balança acusava um aumento de 2 kg), vivendo cada momento como o último, pois está certo de que um ataque do coração é iminente. Está convencido de que os médicos o enganam intencionalmente sobre o seu peso. Suspeita de que a esposa será enviada para longe sob qualquer pretexto e não voltará. Pede para ser fotografado seis vezes. Sente-se muito fraco para caminhar e precisa ser carregado. A 26 de maio insiste em ser fotografado "pela última vez" (Carone, 1984, p.10). Ao fim desse período, Schreber (1984) relata:

“O essencial foi que eu fiquei finalmente curado [...] e portanto só podia estar cheio de sentimentos de viva gratidão para com o professor Flechsig, os quais expressei também através de uma ulterior visita e de honorários, na minha opinião, adequados. Ainda mais profunda talvez foi a gratidão sentida por minha esposa, que realmente reverenciava no professor Flechsig aquele que lhe devolveu seu marido e, por esse motivo, conservou durante anos seu retrato sobre sua escrivaninha.” (p. 54)

Posteriormente à alta da clínica de Flechsig, Schreber ocupou vários cargos de juiz distrital na Saxônia e pareceu gozar de boa saúde e relativa satisfação. Em suas próprias palavras, “depois da cura de minha primeira doença vivi oito anos, no geral, bem felizes, ricos também de honrarias exteriores e apenas passageiramente turvados pelas numerosas frustrações da esperança de ter filhos” (Schreber, 1984, p.45). Schreber refere-se, neste ponto, à série de abortos sofridos por sua mulher, mencionados anteriormente. Mas tudo pioraria com a sua nomeação, em junho de 1893, para o cargo de *Senatspräsident*, juiz presidente da terceira vara da Suprema Corte de Apelação. Carone (1984) esclarece que:

“Era um posto excepcionalmente elevado para sua idade (51 anos), e a nomeação era irreversível: por ser determinação direta do rei, era um cargo que não podia sequer ser solicitado e sua recusa implicaria em delito de lesa-majestade. O posto era vitalício, representando, portanto, para a carreira de Schreber, seu ponto máximo e último. Schreber sente-se honrado com a escolha, mas desde o início vê no novo posto uma sobrecarga e um desafio: seus subordinados serão muito mais velhos e experientes do que ele.” (p.11)

À sombra dessa nomeação, certos fenômenos começam a acontecer, um dos quais Schreber destaca por sua importância especial:

“São desta época alguns sonhos, aos quais na ocasião não dei uma atenção particular e até hoje não daria, como diz o ditado, "sonhos são ilusões", se, em consequência das experiências tidas neste ínterim, não tivesse tido que pensar ao menos na possibilidade de estarem ligados a uma conexão nervosa comigo. Sonhei algumas vezes que minha antiga doença nervosa tinha voltado, com o que, no sonho, eu ficava naturalmente tão infeliz quanto me sentia feliz ao despertar, pelo fato de que não passava de um sonho. Além disso, uma vez, de manhã, ainda deitado na cama (não sei mais se meio adormecido ou já desperto), tive uma sensação que me perturbou da maneira mais estranha, quando pensei nela depois, em completo estado de vigília. *Era a idéia de que deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito* – esta idéia era tão alheia a todo o meu modo de sentir que, permito-me afirmar, em plena consciência eu a teria rejeitado com tal indignação que de fato, depois de tudo que vivi neste ínterim, não posso afastar a possibilidade de que ela me tenha sido inspirada por influências exteriores que estavam em jogo” (Schreber, 1984, p.45, grifo nosso).

Schreber assumiu seu cargo de *Senatspräsident* em outubro de 1893. Em poucas semanas, os esforços para atender bem às exigências do novo posto e ser apreciado por seus colegas o levaram ao colapso mental. Nesse estressante período inicial, começou a experimentar sintomas mais acentuados de angústia, sobretudo insônia: “O sono começou a faltar justamente no momento em que eu poderia dizer que superava, no essencial, as dificuldades de adaptação ao novo cargo, à casa nova, etc.” (p.45). Foi numa de suas noites insones que ele passou pelo que chamou de um “episódio digno de nota”: “fazia-se ouvir em nosso quarto um estalo na parede, que se repetia com pausas mais ou menos longas, e que me despertava toda vez que eu estava a ponto de adormecer” (p.46). Na ocasião, Schreber presumiu que os ruídos fossem causados por um rato, mas “depois de ter ouvido ruídos semelhantes inúmeras outras vezes e os ouço ainda hoje dia e noite –, ruídos que já reconheci indubitavelmente como milagres divinos –, tanto que as vozes que falam comigo os designam como os chamados *distúrbios*” (p. 46, grifo no original). Esse foi, em síntese, o primeiro ato do que Schreber vivenciaria como uma conspiração complexa e sobre-humana: “desde o

começo se manifestou a intenção mais ou menos determinada de impedir meu sono e mais tarde minha cura da doença causada pela insônia, com um objetivo que no momento ainda não pode ser melhor explicitado” (p.46, grifo no original). Em 9 de novembro – véspera do aniversário de morte de seu pai – seu nível de angústia foi tão agudo que resultou numa tentativa de suicídio. Ele se consultou com Flechsig e, mais uma vez, foi internado na clínica da Universidade, onde a persistência da insônia o fez sentir-se destruído: “Dominava-me inteiramente a idéia de que para um homem que não consegue dormir, mesmo com todos os meios da arte médica, nada mais resta a não ser dar um fim à sua própria vida” (p.48).

Ao dar entrada na clínica a 21 de novembro de 1893, Schreber ainda não tinha ideia de que sua alta hospitalar desta vez não viria em poucos meses, mas só após nove anos. O diagnóstico de Flechsig é *dementia paranoides*, seguindo a psicopatologia kraepeliniana (tal como Freud fez mais tarde). No começo, Schreber se queixa de amolecimento cerebral e afirma que finalmente conseguiram enlouquecê-lo. Tem a sensação de morte iminente: prepara-se para morrer e exige o cianeto de potássio que lhe está reservado. Tem alucinações visuais e auditivas, acreditando estar morto e em decomposição, sem condições de ser enterrado. Declara sofrer de peste. Afirma que seu pênis foi arrancado por uma "sonda de nervo". Tenta até mesmo se enforcar no quarto e se afogar na banheira.

Decorrido certo período durante sua segunda hospitalização, Schreber sentiu um novo agravamento de seu estado, desencadeado pela visita de quatro dias que sua mulher fora fazer ao pai em Berlim:

“Em torno de 15 de fevereiro de 1894 sobreveio mais um colapso nervoso, que marca uma etapa importante em minha vida; foi quando minha esposa, que até então passava diariamente algumas horas comigo e também almoçava em minha companhia no sanatório, fez uma viagem de quatro dias para a casa de seu pai, em Berlim, para buscar um pouco de descanso, de que tinha muita necessidade. Nesses quatro dias cheguei a decair tanto que, depois do retorno de minha esposa, só a revi uma única vez e depois eu mesmo declarei que não podia de modo algum desejar que minha esposa me visse no estado de decadência em que me encontrava. As visitas de minha esposa cessaram a partir desta época; depois de muito tempo, voltei a vê-la algumas vezes à janela de um quarto em frente ao meu; neste meio tempo já tinham acontecido tantas mudanças importantes no meu ambiente

e em mim mesmo que acreditei ver nela não mais um ser vivo, mas apenas uma figura humana feita por milagre, do tipo dos "homens feitos às pressas" (p.49).

Schreber observa neste ponto a dimensão sexual dessa guinada para pior: “Foi particularmente decisiva para o meu colapso mental uma ocasião em que, numa única noite, tive uma insólita quantidade de poluções (cerca de meia dúzia)” (p.49). Foi também nessa ocasião que a estrutura de sua paranoia começou a tomar forma, pondo seu psiquiatra no centro de uma grande conspiração que, em última instância, viria a ser também divina:

“A partir de então surgiram os primeiros sinais de uma relação com forças sobrenaturais, em particular uma conexão nervosa que o professor Flechsig estabeleceu comigo, no sentido de que falava com meus nervos sem estar presente em pessoa. A partir desta época fiquei também com a impressão de que o professor Flechsig não tinha boas intenções a meu respeito; creio ter encontrado uma comprovação desta impressão quando, por ocasião de uma visita pessoal, eu lhe perguntei se ele realmente acreditava em uma cura no meu caso: ele tentou me consolar de algum modo mas – ao menos me pareceu – não conseguiu mais olhar-me nos olhos enquanto falava” (p.50).

Schreber aponta Flechsig como o mentor de um complô cujo objetivo é transformá-lo em mulher para em seguida cometer o que chama de "assassinato de alma", entregando o seu corpo feminino à corrupção definitiva. Diz Schreber (1984):

“Deste modo foi preparada uma conspiração dirigida contra mim (em março ou abril de 1894), que tinha como objetivo, uma vez reconhecido o suposto caráter incurável da minha doença nervosa, confiar-me a um homem de tal modo que minha alma lhe fosse entregue, ao passo que meu corpo – numa compreensão equivocada da citada tendência inerente à Ordem do Mundo – devia ser transformado em um corpo feminino e como tal entregue ao homem em questão para fins de abusos sexuais, devendo finalmente ser "deixado largado", e portanto abandonado à putrefação.” (p. 67)

Citações da literatura e música clássicas lançam luz sobre o "assassinato de almas". Schreber muitas vezes recorre à intertextualidade quando evoca obras ou autores dentro da particularidade de sua relação com a arte – ele escreve inspirado por suas leituras. Ao longo

de suas *Memórias*, composições musicais ou literárias muitas vezes explicam seus humores: *Tannhäuser* e *O Crepúsculo dos Deuses*, *O Messias*, *O Heróico e a Nona*, *A Flauta Mágica* e *Don Juan*. A ópera *Freischütz* para a música, os escritos de Goethe e Schiller para a literatura. De Goethe, Schreber cita mais particularmente *Fausto* e um pequeno poema, *O Pescador*. De Schiller, ele cita a ode retomada por Beethoven na nona sinfonia. De Byron ele cita *Manfred*; de Horácio, *Carpe Diem*. Outras obras, nunca citadas diretamente, mas cujos títulos parecem significativos para seu delírio, constituem citações indiretas sobre esse "assassinato" outrora misterioso ou sobre o conjunto das *Memórias*, como o Judeu Errante ou o Judeu Eterno:

“Então, para a conservação da espécie seria reservado um único homem – talvez aquele que ainda fosse relativamente mais virtuoso do ponto de vista moral, chamado de "Judeu Errante" pelas vozes que falavam comigo. O sentido desta denominação é portanto algo diferente do que está na base da lenda homônima do judeu Ahashverus; ao contrário, pensar-se-á espontaneamente nas lendas de Noé, Deucalião e Pirra, etc. Provavelmente também se relaciona com isto a lenda da fundação de Roma, segundo a qual Réa Sílvia não teria concebido os futuros reis Rômulo e Remo de um pai terreno, mas sim diretamente do deus da guerra Marte. O judeu Errante (no sentido aqui indicado) deve ter sido emasculado (transformado em uma mulher) para poder gerar filhos. A emasculação ocorria do seguinte modo: os órgãos sexuais externos (escroto e membro viril) eram retraídos para dentro do corpo e transformados nos órgãos sexuais femininos correspondentes, transformando-se simultaneamente também os órgãos sexuais internos. Ela acontecia durante um sono que durava alguns séculos, dado que era também necessária uma modificação da estrutura óssea (bacia, etc.)” (p.54-55).

De maneira resumida, aos poucos, o delírio persecutório sexual começa a enlaçar outros elementos e a tornar-se mais complexo, assumindo outro formato e dando contornos a um segundo momento, que consiste em um delírio persecutório sexual articulado a pensamentos religiosos e megalomaniacos. Salta para o primeiro plano a expressão "Ordem do Mundo" – que, na perseguição sexual, está sendo contrariada – e também é introduzida no delírio a ideia de Deus. Isto é, em dado momento, Schreber estende o caráter persecutório a Deus e, à medida que passa a ser perseguido não apenas por um mortal (seu psiquiatra

Flehsig) mas também por Deus (cúmplice ou mandante), o delírio de Schreber assume não só um caráter religioso, mas também megalomaniaco.

Schreber constrói todo um vasto sistema cosmoteológico, dando dimensões metafísicas ao seu delírio. Tudo é explicado pelas peculiaridades da entidade divina, bem como da alma de Schreber. Uma característica marcante do Deus de Schreber é a comunicação feita através da chamada "língua fundamental", um "alemão algo arcaico, mas ainda vigoroso, que se caracteriza principalmente por uma grande riqueza de eufemismos" (p. 37). Schreber relata que vozes ou "pássaros miraculados" falam-lhe continuamente na "língua fundamental" procurando denegri-lo e privá-lo da razão.

“Que o próprio Deus fosse cúmplice, senão instigador do plano que visava o assassinato da minha alma e o abandono do meu corpo como prostituta feminina, é um pensamento que só muito mais tarde se impôs a mim e que em parte, seja-me permitido afirmar, só me veio claramente à consciência durante a redação do presente ensaio” (p.58).

No capítulo VI das *Memórias*, Schreber declara que o período de março a maio de 1894 foi, por um lado, o período mais atroz de sua vida, mas por outro foi também o período sagrado, no qual seu espírito ficou impregnado de idéias sublimes sobre Deus e a Ordem do Mundo. Os registros do hospital assinalam nessa época uma nova fase, na qual Schreber parece se entregar cada vez mais a fantasias místico-religiosas. Afirma que Deus fala com ele e que demônios e vampiros zombam dele. Quer converter-se ao catolicismo para fugir à perseguição. Presencia milagres e ouve música celestial. No jardim, põe a mão em concha atrás das orelhas para escutar. Dorme mal, apesar dos narcóticos, e grita à noite. Alimenta-se de modo irregular: ora come vorazmente, ora recusa o alimento, que precisa então ser dado à força.

Em síntese, Schreber conjectura o seguinte: as almas são compostas por nervos, assim como o próprio Deus, mas este possui um número ilimitado deles e, claro, desimpedidos pelos limites corporais. Quando agem sobre o mundo criado, os nervos de Deus denominam-se "raios", com o que se estabelece uma espécie de continuidade entre criador e criatura, que é reforçada por uma peculiar teoria da bem-aventurança, segundo a qual, após a morte, as almas dos homens sofrem um processo de purificação no qual ascendem gradualmente na hierarquia celestial, pela sua fusão com outras almas e perda progressiva da identidade pessoal. Elas constituem, assim, os "vestíbulos do céu" ou os "reinos anteriores de

Deus", aos quais se seguem os "reinos posteriores de Deus", isto é, a divindade propriamente dita; esta divide-se, ainda, num Deus inferior e num superior, aos quais são atribuídos os nomes persas de Ariman e Ormuz.

Desde os limites do cosmo, para onde se retirou após a tarefa da criação, Deus só se relaciona com homens mortos e suas almas. O Deus de Schreber é responsável por fazer os homens a partir de uma porção de seus próprios nervos, mantendo-se à distância deles enquanto vivem e, na ocasião de sua morte, retornando esses nervos a si:

“Relações regulares entre Deus e as almas humanas, de acordo com a Ordem do Mundo, só ocorriam depois da morte. Deus podia, sem perigo, se aproximar dos cadáveres para, graças à energia dos raios, extrair do corpo e atrair para si os nervos, nos quais a autoconsciência não se tinha extinguido, mas apenas repousava, despertando-os assim para nova vida celeste; a autoconsciência voltava por efeito dos raios.” (Schreber, 1984, p. 36)

No entanto, esse Deus também é vulnerável; sua existência é ameaçada por humanos com nervos superexcitados: "os nervos de homens vivos, sobretudo em estado de uma excitação muito intensa, possuem uma tal força de atração sobre os nervos de Deus que Deus não poderia mais se livrar deles, ficando portanto ameaçado em sua própria existência" (Schreber, 1984, p. 36). Logo, essa relação exclusiva de Deus com um único homem põe em risco a própria existência do Universo; Schreber chegou a crer, a certa altura, que o mundo se desvanecera e que os homens que via não passavam de fantasmas induzidos em seus nervos pela ação divina.

Portanto, nervos humanos superexcitados como os de Schreber podem exercer tal atração sobre os raios divinos que estes não mais podem desprender-se. Assim, perpetrando toda espécie de barbaridades, Deus se esforça para consumir o assassinato de alma de Schreber: altera drasticamente suas vísceras, extinguindo e recuperando órgãos vitais. E então, ao fim, uma mutação será alcançada: transformado em mulher, Schreber será fecundado pelo próprio Deus, dando origem a uma nova raça de homens. O delírio de redenção, cujo conteúdo consistia em povoar o mundo de uma nova raça de homens nascidos de seu espírito a partir de sua emasculação, seria uma saída para sua ausência de descendentes.

Em junho de 1894, Schreber é transferido para Lindenhof, asilo particular do Dr. Pierson, por pouco tempo (de 14 a 28 de junho), mas o bastante para considerar o local “a cozinha do diabo”. Em seguida, foi para o Real Sanatório Público de Sonnenstein, perto de Pirna, em 29 de junho de 1894, onde permaneceu sob os cuidados de seu diretor, Guido Weber, até 20 de dezembro de 1902. Segundo este psiquiatra, tratava-se de uma “insanidade alucinatória” que evoluiu para um quadro clínico de paranoia. No decurso de sua internação em Sonnenstein, Schreber passou a redigir fragmentos de suas ideias, o que parece ter sido de primordial função para que o autor pudesse dar materialidade e forma àquilo de que as palavras não dão conta. No tocante ao papel da produção das *Memórias* de Schreber:

“Podemos observar que [...] a escrita advém, no quadro schreberiano, como um artifício essencial, uma vez que se mostrou relevante não apenas para a exposição de suas ideias delirantes, mas, nesse mesmo feito, abriu a possibilidade de trabalho de sua paranoia. [...] essa escrita põe-se como uma ferramenta através da qual suas ideias vão sendo elaboradas e reelaboradas várias vezes até o momento de publicação de seu livro.” (Faustino, 2014, p. 125 apud Gruner et al., 2020, p.511)

As experiências narradas ao longo de todo o texto das *Memórias* se referem, na sua maior parte, à estada no Sonnenstein. Foi lá que Schreber consolidou, desenvolveu e em parte modificou suas relações com as forças sobrenaturais, que constituem o cerne do seu sistema de crenças. Durante sua internação,

“Nos primeiros tempos no Sonnenstein, Schreber se manifesta agitado, sobretudo à noite. Durante o dia lê, escreve cartas, joga paciência, xadrez e toca piano no quarto. Às vezes faz caretas para o sol. Escreve cartas em italiano e numa delas assina “Paul Höllenfürst” (Paul, Príncipe dos Infernos). Endereça uma carta ao “Senhor Ormuzd, in coelo”. O mês de novembro de 1895 é registrado nas *Memórias* como um momento de transformação fundamental na vida de Schreber; é quando se resigna a aceitar sua transformação em mulher, de acordo com os elevados fins da Ordem do Mundo: a fecundação pelos raios divinos e a geração de uma nova humanidade. Em dezembro deste ano é visto gritando pela janela do seu quarto: “Eu sou Schreber, o presidente da Corte de Apelação”. A partir de junho de 1896 é transferido, apenas durante a noite, para uma cela-forte,

devido aos acessos de urros (vociferações) e à agitação. Em julho chama o médico e mostra a parte superior do corpo despida, afirmando ter seios quase femininos. Parece entretido com fantasias sexuais: procura ver figuras nuas nas revistas e depois desenha-as. Numa carta à esposa diz que as noites agora são agradáveis porque há "un peu de volupté feminae" (sic). Em setembro de 1896 Schreber é visto gritando no jardim: "O sol é uma puta". "O bom Deus é uma puta." Continua na cela-forte. Os estados de excitação e as vociferações se alternam com momentos de perfeito autocontrole, comportamento sensato e disciplinado. Gosta de discutir questões legais, escreve muitas cartas e toca bastante piano, às vezes batendo nas teclas com toda força. Em março de 1898 é encontrado seminua no quarto, diante do espelho, rindo, gritando, enfeitado com fitas de cores alegres. Só em dezembro, depois de passar dois anos e meio na cela-forte, volta a dormir no quarto." (Carone, 1984, p.12-13)

Nesse meio tempo, foi oficialmente declarado incapaz, decisão essa que só foi revogada depois de Schreber haver submetido sua própria apelação à Suprema Corte. No início de 1899, Schreber começa a expor seus pensamentos de forma organizada em cartas à esposa. A partir de outubro de 1899, Schreber começa a demonstrar interesse pela sua situação legal e denuncia como irregular a curatela provisória sob a qual se encontrava desde 1894. Ocupa-se pessoalmente, nos mínimos detalhes, de todos os passos do processo que move para recuperar sua capacidade civil. Dentre os documentos apresentados ao tribunal estava o texto das *Memórias*, que ele quase concluíra em 1900, com base em notas que vinha mantendo desde 1897. Schreber, um homem muito letrado, tem uma relação profunda com a linguagem e encontra na escrita uma forma de plasmar o seu delírio, isto é, de produzir um testemunho organizador, a ponto de poder mover um processo no sentido de suspender sua interdição.

Como resultado da ação de Schreber, em 14 de julho de 1902, seu recurso foi julgado procedente e ambas as decisões anteriores dos tribunais inferiores que mantinham a tutela foram revogadas. Consta no laudo pericial do Dr. Weber, psiquiatra de Schreber e diretor do Sonnenstein, que sua alta hospitalar está praticamente concedida desde o final de 1900. Mas Schreber, por vontade própria, só deixou o hospital a 20 de dezembro de 1902, porque preferiu ficar mais tempo para preparar cautelosamente seu retorno à vida em sociedade. Depois da alta do Sonnenstein, Schreber publicou suas *Memórias* pela editora Oswald Mutze,

de Leipzig, que era conhecida pelo lançamento de obras ocultistas e teosóficas. Se a alegria suprema de finalmente se tornar a esposa de Deus em outro mundo não foi concedida a Schreber, sua predição de que muitas pessoas estariam interessadas em seu destino se mostrou correta.

Ao sair de Sonnenstein, Schreber morou com a mãe e uma das irmãs por um breve período, mas logo se mudou com sua esposa para uma casa recém-construída em Dresden, sobre cuja entrada havia mandado gravar o tema de Siegfried da ópera *Siegfried*, de Wagner. O casal Schreber adotou uma filha adolescente, Fridoline, que mais tarde declarou que seu pai adotivo fora “mais mãe para mim do que minha mãe” (Santner, 1997, p.18). Schreber prestava alguns serviços legais à família, inclusive a administração da herança de sua mãe - após a sua morte, em 1907. Fazia longas caminhadas com a filha, jogava xadrez, tocava piano e continuou a ser um leitor voraz. Seu bem-estar geral era esporadicamente interrompido por breves acessos de urros e, embora ele não falasse muito de sua doença, sua irmã declarou que as vozes que o haviam atormentado por tantos anos tinham se transformado num ruído constante e ininteligível:

“No mesmo ano da publicação do livro, 1903, o casal Schreber adota uma menina órfã, de 13 anos de idade, com a qual Schreber tem um excelente relacionamento, marcado pela ternura e pela camaradagem. Pai e filha fazem juntos longas excursões a pé pelas florestas e montanhas da região de Dresden. Schreber, com mais de 60 anos de idade neste período, dá mostras de grande vitalidade física e intelectual. Manda fazer uma casa nova em Dresden e acompanha pessoalmente os trabalhos de construção. Solicita sua reintegração nos quadros do Ministério da Justiça, mas seu pedido é recusado. Lê muito, interessa-se por todas as manifestações da cultura, participa de campeonatos de xadrez e emite, em caráter privado, pareceres inteiramente adequados sobre questões legais. Os sinais exteriores da doença desaparecem quase por completo: durante o primeiro ano após a alta, só algumas vezes grita à noite. Quando lhe perguntam sobre a doença, diz que as vozes nunca o deixaram, mas que agora soam como um zumbido incompreensível e contínuo, localizado num ponto da parte posterior da cabeça, por onde tem a sensação de ser puxado por um fio.” (Carone, 1984, p.13-14)

Em novembro de 1907, a esposa de Schreber sofre um derrame. Ele reage mal a esse episódio e seu estado se agrava rapidamente; acredita estar sofrendo uma recaída, pois voltam as crises de insônia e a angústia. Escuta vozes novamente, cada vez mais fortes. Poucas semanas depois, Schreber fora hospitalizado pela terceira e última vez, já então no novo manicômio estatal do vilarejo de Dösen, nos arredores de Leipzig. Ali permaneceu até sua morte, em 14 de abril – Sexta-Feira da Paixão – de 1911. Durante sua última internação, Schreber:

“Passa quase todo o tempo na cama, praticamente não fala e mantém uma postura rígida, com os olhos fechados, como quem escuta. Quando se levanta, seu andar é rígido e os movimentos angulares. A expressão facial é de grande sofrimento. Afirma que seu corpo se deteriorará, mas seu cérebro continuará vivo. Fala de sua iminente decomposição e pede ao médico para providenciar o enterro. Às vezes murmura algo como "cheiro de cadáver", "apodrecimento". Descuida da aparência, recusa-se a tomar banho e suja-se intencionalmente com urina e fezes. Quando se pergunta o que se passa, responde: "Não posso dizer agora, você não entenderia". A partir de 1908 começa a emitir ruídos que soam como "há-há-há", principalmente quando lhe dirigem a palavra. Dorme mal e se alimenta pouco, alegando não ter estômago. Grita "há-há-há" quase o tempo todo com uma expressão torturada. Afirma estar perturbado por vozes. Um dia, pergunta subitamente ao médico: "Quando reinou Gustavo Adolfo? De 1611 a 1632, não é?" Fala às vezes, em francês, palavras ininteligíveis. Um dia reage colérico à visita matinal do médico, gritando-lhe: "Apague Satanás". Depois pergunta-lhe: "Por que não vêm também os outros satãs, só o senhor?" Certa manhã afirma subitamente: "Não entendo como um homem pode ser levado a fazer o que eu fiz nas últimas horas". Em 1909 seu estado se agrava: quase não sai da cama e é levado a passear em cadeira de rodas pelos enfermeiros. Não se alimenta sem auxílio. Escreve em folhas de papel as palavras "milagre", "túmulo" e "não comer". Numa das últimas observações do prontuário de Dösen, consta que ele às vezes escreve em seu caderno de notas, mas seus rabiscos mal se assemelham a letras.” (Carone, 1984, p.14-15)

Os biógrafos até recentemente eram unânimes em atribuir o choque causado pela doença da esposa à internação de Schreber no sanatório de Dösen. Entretanto, um trabalho de 1981 levanta uma nova hipótese (Quackelbeen e Devreese, 1981 *apud* Carone, 1984). No início de novembro de 1907, Schreber é procurado por membros das Associações Schreber (*Schrebervereine*) – grupos que se dizem apoiadores das idéias de seu pai – que lhe pedem apoio para formalizar seu reconhecimento legal, de modo a prevenir qualquer utilização ilegítima do nome Schreber. Por ser o único filho homem sobrevivente, jurista e responsável pelo inventário da mãe, Daniel Paul é solicitado a opinar e conferir legitimidade aos pretensos herdeiros do legado paterno. Não se sabe como ele enfrentou a questão, mas existe a possibilidade de ser este episódio o verdadeiro desencadeante da sua última crise mental.

Abre-se aqui um parêntese sobre o conteúdo delirante de Schreber – sua preocupação com a decomposição é um tema reiterado e até obsessivo das *Memórias*. Ele cita as palavras de Hamlet de que “há algo de podre no reino da Dinamarca” (p.140, grifo no original), para indicar o grau de corrupção da relação normal entre Deus e ele, bem como os estados físicos de decomposição que estavam entre os subprodutos dessa relação perturbada. Schreber se via morto e decomposto, atingido pela peste e pela lepra, com o corpo submetido a manipulações repugnantes e sofrendo os mais assustadores tratamentos. Santner (1997) aponta que nas metáforas que Schreber usa para evocar essa podridão literal e figurada, ressoam fortemente os termos com que o sentimento generalizado de decadência, degeneração e debilitação eram registrados na crítica social e cultural do fim do século. Segundo ele, o famoso tratado de Max Nordau sobre a decadência das artes e da cultura, *Entartung* (degeneração), de 1892, ajudou a instaurar esse termo como a metáfora central do diagnóstico do declínio cultural, até sua apropriação fatídica pelos ideólogos nacional-socialistas:

“Nordau caracteriza o clima do fim do século como “uma mescla de inquietação febril e desânimo embotado”, culminando em sensações de “ruína e extinção iminentes” e num sentimento do “Ocaso das Nações, no qual todos os sóis e estrelas se apagam aos poucos, e a humanidade, com todas as suas instituições e criações, perece em meio a um mundo agonizante”. É central no diagnóstico de degeneração feito por Nordau o que ele caracteriza como um perpétuo estado liminar, ou interregno, com o que pretende referir-se a um estado de fadiga cultural em que as formas, valores, títulos e identidades simbólicas perdem sua credibilidade, sua

capacidade de despertar a crença e, desse modo, estruturar os mundos vitais dos indivíduos e comunidades.” (Santner, 1997, p.19)

Essa sensação generalizada de fadiga ideológica, que, de acordo com Santner (1997), Nordeau associa especificamente à mais famosa das doenças do *fin-de-siècle*, a histeria, é fomentada, nos seus dizeres, pelo ritmo frenético das inovações tecnológicas e por suas consequências socioeconômicas. Muitas das conclusões de Nordau fazem parte de uma difundida tendência oitocentista a transpor termos referentes à crise social e cultural para uma linguagem científica e médica.

Corroborando a análise de Santner (1997), outros autores identificam uma série de antecedentes da aparente predisposição de Schreber a vivenciar sua crise nos termos culturalmente ressonantes que se encontram em suas *Memórias*. Puchta e Linhales (2022) mostram que desde os anos finais do século XVIII até as primeiras décadas do século XX, a *Gymnastica*, como “arte methodica”, “exercício dirigido”, compunham, de modo incisivo, os cuidados com o corpo. Os manuais de ginástica da época incluíam maneiras de educar os corpos de crianças e adultos, homens e mulheres, conferindo aos textos estabelecidos e às imagens (quase sempre presentes) um estatuto modelar, tanto pelo que era explicitamente anunciado, apalavrado, como também pelos elementos implícitos, expressos de modo velado. Termos como “racional”, “terapêutico”, “metódico”, “científico”, com vistas à “correção” e à “regeneração”, compunham um léxico capaz de conferir autoridade e legitimidade a um conjunto de orientações ortopédicas e higiênicas, quase sempre acompanhadas de descrições indicativas dos efeitos destas não somente sobre o corpo e suas moléstias, mas também sobre o espírito, a moral ou a vontade. Construía-se, de modo gradativo e cumulativo, uma expectativa social de que os exercícios ginásticos pudessem remediar os males, os desgastes e as perdas identificadas no corpo e, muitas vezes, relacionadas às condições objetivas de vida, intrínsecas ao próprio progresso. Santner (1997), em diálogo com a obra de Rabimbach, *The human motor* (1992), que analisa a fadiga e a debilitação que ameaçavam as apostas otimistas no progresso, discute os desarranjos relativos à modernidade, em sua relação com o corpo, e assim argumenta:

“A perspectiva do desperdício de energia humana e do poder do trabalho gerou não apenas temores de declínio e até de morte cósmica, mas também uma nova ética social de preservação da energia e uma proliferação de projetos de pesquisa voltados para a maximização da produtividade da

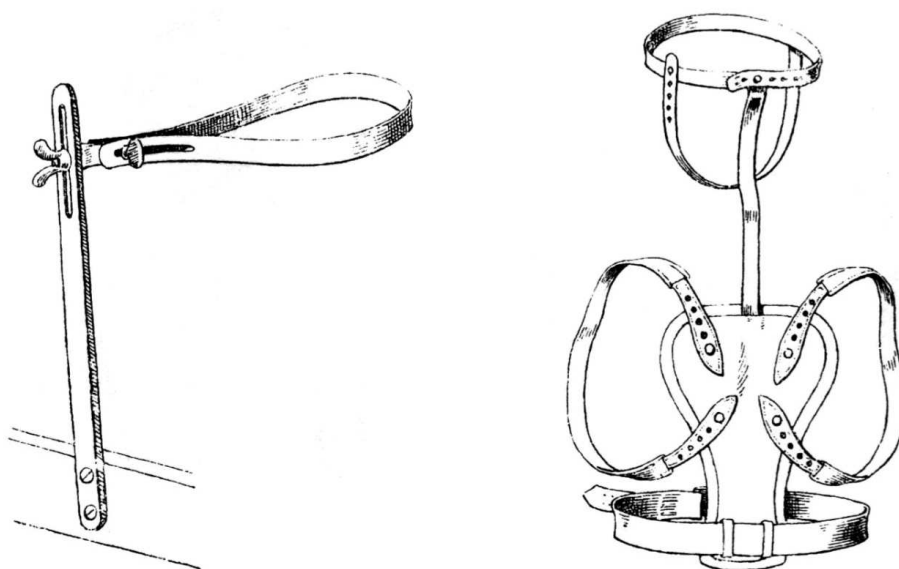
“máquina humana”, bem como para a minimização da “obstinada subversão do corpo pela modernidade” (Santner, 1997, p. 20).

Diante dos desafios tecnocientíficos para fazer o corpo render, a ideia de prosperidade do espírito associada à expectativa de modernização da vida (não sem uma atenção aos efeitos nefastos desta sobre o corpo) foram temáticas recorrentes nas sistematizações da ginástica. Representada comumente pelas máquinas, pela velocidade ou pelo urbano, a ideia de progresso passaria também a convocar uma dada “natureza dos corpos” e os exercícios harmoniosos seriam uma possível forma de retorno a uma espécie de “natureza perdida”. E, nessa perspectiva, uma forma de compensar “a diminuição da força dos órgãos, o desequilíbrio e a perturbação das funções naturais, a invasão de muitas de graves doenças e, por fim, a morte prematura” (Schreber, 1879, p. 7, *apud* Puchta e Linhales, 2022, p.4). O caráter indenizatório da ginástica estava dado. Para salvar o corpo dos males do progresso, ela deveria aproximar-se do que fosse o mais “natural” possível para as funções corporais.

Citando novamente Marilene Carone, tradutora do livro de Daniel Paul Schreber no Brasil, a recorrência do termo “milagre” na obra diz respeito ao “acontecimento que contraria as leis da natureza, em geral de certa duração, agenciado por Deus ou por seus representantes” (Schreber, 1984, p. 456). Em geral, são ações nocivas, causadoras de agressões ao corpo e, a partir delas, Daniel Schreber denunciou, de modo delirante, que fora ameaçado em sua integridade corporal. Muitos outros detalhes em suas *Memórias* continuam merecedores de atenção e investigação: costelas quebradas, nervos arrancados, torturas com a máquina de atar cabeça, milagre da compressão do peito, diminuição do tamanho do corpo, paralisia dos dedos, corrosão óssea, entre outros. Se é assim que o juiz Schreber representava as percepções corporais e seus efeitos; seu pai – por meio de sua Ginástica Médica e outros recursos – pretendia produzir exatamente o prodígio da força de vontade e da firmeza de caráter.

Carone (1984) sugere que a semelhança que se vê nas descrições de Schreber de seu delírio com os aparelhos aos quais fora submetido cotidianamente na infância não é irrelevante. A imagem seguinte – retirada do livro do Dr. Schreber – publicada por Niederland, ilustra alguns dos aparelhos prescritos para uso diário:

Figura 2 – *Geradehalter*



Fonte: Lacan Circle of Melbourne (2012).

Figura 3 – *Geradehalter* (em uso)



Fonte: Lacan Circle of Melbourne (2012).

Os principais aparelhos seriam: o *Geradehalter*, para garantir uma postura sentada rigorosamente ereta, com cintos para a cabeça (“[...] é todo feito de ferro... e evita distorções de postura ao sentar [...] e vem em dois formatos, um para uso doméstico e outro, simplificado, para escolas, especialmente nos dois primeiros anos da escola primária [...]”); o *Pangymnastikon* (um sistema completo de ginástica condensado em um único aparelho) e o *Kopfhalter* (fixador de cabeça, tendo por finalidade garantir o crescimento simétrico da mandíbula, do maxilar e estruturas do crânio a eles relacionadas). Ao lado de toda esta parafernália, há outra tão minuciosa quanto bizarra que está condensada num livro que se tornou muito popular em Leipzig: *Erziehungslehre* (Doutrinação Educacional), leitura da qual Niederland conclui:

“O conjunto do sistema educacional do Dr. Schreber se condensa em um conselho inúmeras vezes repetido a pais e educadores: que usem um máximo de pressão e coerção nos primeiros anos de vida da criança. Diz o autor que isto evitará muitas complicações no futuro. A promoção da saúde física e mental se conseguirá sujeitando a criança a um rígido esquema de treinamento físico vigoroso e exercícios musculares metódicos em combinação com medidas de contenção emocional” (Niederland, 1981, p.66).

As medidas de contenção emocional seriam “repreensões sistemáticas e constantes juntamente com exercícios”. Isto se aplicaria tanto no aprendizado e emprego corretos das palavras e sílabas como “aos começos das paixões”, as quais desde logo devem exigir *Niederkämpfen* (esmagadora oposição). Continua Niederland em seu resumo: “As medidas disciplinares – inclusive punições físicas – são indicadas à menor infração ‘e na mais tenra idade, para que as ignóbeis partes da natureza primitiva da criança sejam contidas pelo maior rigor’”. Pede também o tratado de Doutrinação Educacional que a criança estenda a mão para aquele que vai castigá-la, pois isto “afasta a possibilidade de rancor e amargura”. As punições e prêmios seriam sempre públicos, com base em anotações num quadro negro. Finalmente tudo isso garantiria a pais e educadores que: “[...] a docilidade e a submissão das crianças assim educadas serão tamanhas que não se fará necessário continuar o tratamento após o quinto ou sexto ano de vida; nem terão os pais que se preocupar ‘com aberrações perigosas e ocultas’, ou seja, que as crianças venham mais tarde a se masturbar”. (Niederland, 1981, p.72)

O caráter sádico do regime pedagógico do Dr Schreber levou vários comentaristas a perguntar se, e até que ponto, a ideologia do pai está implicada na etiologia do filho. Alguns deram como certo que os métodos do velho Schreber constituíam um trauma, contra o qual a “formação delirante” é uma espécie de tentativa de recuperação. De fato, algumas das alucinações e delírios do jovem Schreber têm clara correlação aos dispositivos criados por seu pai, como foi sugerido por Carone (1984). No entanto, muito disso é mera especulação, pois os fatos do início da vida de Schreber são amplamente desconhecidos.

O ponto é que as *Memórias* (ou, melhor ainda, a vida de Schreber) repercutem as crises sociais e culturais mais amplas de sua época. As influências desse *zeitgeist* no qual Schreber estava inserido são vistas em suas inúmeras referências no *Memórias*. Tal como quando, para melhor explicar seus sentimentos e suas sensações, Schreber, na mais pura tradição jurídica, recorre a outros autores, a outros livros: suas citações constituem um campo privilegiado de pesquisa intertextual, sendo a intertextualidade a condição preliminar para quaisquer fins interpretativos. Freud considera que o próprio Schreber, na maioria das vezes, fornece os meios para compreender seu delírio e o autoriza a fazê-lo, adicionando incidentalmente a uma proposição delirante um comentário, uma citação ou um exemplo. Ou seja, a citação aparece como um modo de tradução:

“Não raro é ele próprio [Schreber] quem nos fornece a chave, ao acrescentar a uma afirmação delirante, como que casualmente, um comentário, citação ou exemplo, ou contestar expressamente uma analogia que ocorreu a ele mesmo. Nesse último caso basta ignorar o invólucro negativo, como estamos habituados a fazer na técnica psicanalítica, tomar o exemplo como algo real, a citação ou prova como fonte, e nos acharemos de posse da tradução que buscávamos do modo de expressão paranoico para o normal.” (Freud, 1911/2010, p. 47-48)

A obra de Schreber testemunha a potência da escrita como dispositivo na organização de um delírio psicótico. Seu livro, resultante de suas leituras, é a única forma de acessar sua loucura. Prado de Oliveira (1997) em “*Freud et Schreber: Les sources écrites du délire, entre psychose et culture*” associa um Schreber leitor de Baudelaire, de Goethe e de Schiller à construção de seu delírio. Entre o romantismo e a psicose, emergem linhas de convergência – e Schreber mostra algumas delas quando cita:

“A íntima relação entre psicanálise e literatura, inicialmente desejada por Freud, nutrida pela leitura e pelo sonho da coisa literária, depois se infiltra entre a caneta e o papel e traz para os tons de tinta que não possuía, outra espessura. Estudos teóricos com legendas que lhes atribuem valor literário, interesse por um Édipo à sombra dos românticos, como Hamlet, como Dom Quixote. Impossibilidade imperativa de imaginá-los sem os românticos também. No limite de um sentimentalismo romântico tão comum aos fetichistas, uma Gradiva de pés ágeis. Verdadeiro tormento de um Dostoiévski com um romantismo desconhecido para Thomas Mann. Melanie Klein e o romantismo sombrio, Lacan e o romantismo cristão. A psicanálise também seria, sobretudo, uma ciência romântica. Não está escrito de outra forma. Romantismo e matemas.” (Prado de Oliveira, 1997, p.27)

Por fim, sobre Daniel Paul Schreber, que passou treze anos de sua vida em sanatórios psiquiátricos, terminando seus dias demenciado e internado, pode-se dizer que talvez nunca tenha correspondido ao modelo de cidadão ilustre que seu pai ansiava. Entretanto, ele atingiu a imortalidade que os Schreber sempre requisitaram, sendo tardiamente consagrado como um cativante escritor modernista. A proliferação de livros, artigos, conferências e seminários posteriores dedicados a Schreber, que não dá sinais de arrefecimento, atesta a força e a produtividade reveladoras de sua transmissão. Ao publicar o livro *Memórias de um Doente dos Nervos*, Schreber trouxe grandes contribuições ao cenário científico que se estende até os dias atuais, possibilitando a produção de várias análises que discutiam e ainda discutem questões sobre sua doença, corpo e condutas sociais.

CAPÍTULO II – CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO E A CONSTITUIÇÃO DO EU NA METAPSICOLOGIA DE LACAN

A problemática do corpo é abordada por Lacan desde seus trabalhos preliminares e mantém-se recorrente em sua obra, sofrendo reconstruções ao longo de seu ensino. Por motivos metodológicos, neste capítulo, essa progressão será restrita a um recorte da teoria lacaniana entre o início da década de 1930 e a metade da década de 1950.

Desde suas primeiras reflexões, Lacan claramente almeja estabelecer as bases de sua teoria na direção de uma crítica ao organicismo psiquiátrico de sua época (Simanke, 2002). É por isso que o conceito de *imago* emerge, então, como elemento fundamental para se falar de um corpo cada vez mais distante de sua natureza biológica. Inspiradas por Wallon e por estudos da Etologia, as primeiras teorizações sobre o assunto apresentam um corpo pensado a partir do registro do Imaginário e do esquema conceitual nomeado Estágio do Espelho: momento psíquico entre o sexto e o décimo-oitavo mês no qual o bebê antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através da identificação com a própria imagem refletida no espelho. Lacan propõe que, em meio à falta de ordem orgânica, a imagem corporal adquire um efeito formador e “dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu” (Lacan, 1975/1986, p.96).

A insuficiência do desenvolvimento do sistema nervoso colocaria o recém-nascido humano na dependência completa dos cuidados de outrem, condenando-o, desde o início, à sociabilidade ou à morte. Partindo desse pressuposto biológico, Lacan conjectura que haveria uma precipitação do processo de maturação a partir da imagem, fazendo com que a fantasia do *corps morcelé* (ou seja, do corpo fragmentado em partes desconexas) passasse para a uniformidade de um corpo próprio, assumido em uma identidade alienante. Entende-se como uma alienação porque, através da identificação, surge um eu – como Freud indicou em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) –, mas que se vincula à exterioridade da forma/imagem de seu corpo. Logo, trata-se de um eu virtual, que não representa o sujeito tal como é, mas como uma figura homogênea advinda do meio externo, distinta da ambiguidade pulsional e do corpo desorganizado em suas partes.

Assim, há a instauração de uma defasagem temporal entre a visão e os demais sentidos do corpo. Esta primazia do visual permite à criança ver seu futuro corporal: a fascinação da imagem do outro a provoca, a agita, a treina como se seus olhos levassem seus gestos. Portanto, o Estágio do Espelho, tendo como protótipo a ilusão totalizante do contorno

do corpo, permite que a falta de unidade e coordenação motora imposta pela prematuração seja superada, motivo do júbilo do bebê diante de sua reflexão (Lacan, 1949/1998b). A organização da experiência com o corpo real, ainda não-operacional, dá-se por meio do controle corporal viabilizado por uma miragem que funda o eu e o consolida enquanto identificação alienante – e, em razão disso, função de desconhecimento, visto que o sujeito somente poderá se conhecer por intermédio deste outro: seu eu imaginário.

Devido a essa virtualidade que dá gênese ao eu (em sua qualidade de elemento que se confecciona exteriormente), reedita-se um fenômeno semelhante ao delírio paranoico ao investir libido na imaterialidade do que lhe é refletido diante do espelho (Lacan, 1975/1986). A paranoia se mostra como o mecanismo mais universal do eu que se estabelece na primeira identificação, a qual encapsula o sujeito de maneira contínua ao longo de sua trajetória. Esse paradigma não pode trazer ao indivíduo senão o desconforto frente à hiância entre o organismo biológico e a imagem do corpo, alienada ao outro na relação imaginária.

Simanke (2016) atribui que:

“Aí reside o valor e a significação paradigmática da experiência do reconhecimento especular: o espelho mostra o modo como o infante é visto pelo outro e ilustra como ele se identifica com esse ideal que o outro nele projeta, isto é, aquelas características que sustentam o amor e o desejo do outro, condição para que este lhe preste os cuidados necessários à sobrevivência. Como resultado, a relação com a imagem torna-se primordial; ela compensa e substitui a experiência corpórea desagregativa e angustiante” (p.6).

A partir da conferência intitulada *O mito individual do neurótico* (1953), nota-se uma alteração nas ideias de Lacan. A tese de Lévi-Strauss sobre “As estruturas elementares de parentesco”, de 1949, influenciou decisivamente a nova psicanálise promovida por ele. Dentro desta perspectiva, segundo Simanke (2002), o que acontecia naquela época era que Lévi-Strauss havia tomado a linguística como modelo tanto para a antropologia como também para todas as ciências humanas. Essa apropriação do antropólogo francês da linguística é excepcionalmente proveitosa para Lacan, pois se o estruturalismo pode substituir seus objetos (comportamentos sociais) por símbolos, o caminho está aberto para se pensar o próprio sujeito como que constituído pelo simbolismo. Essa foi a rota pela qual Lacan

procurou “apresentar a psicanálise como ciência desse novo sujeito que surge agora no panorama das ciências humanas” (Simanke, 2002, p. 438).

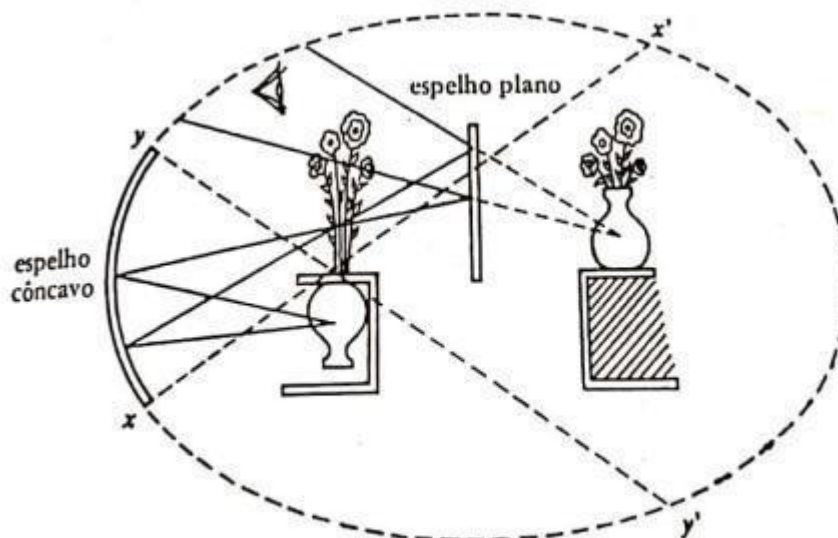
Também no ano de 1953, na conferência *O simbólico, o imaginário e o real*, Lacan esclarece e contextualiza pela primeira vez os registros Real, Simbólico e Imaginário – referenciais que estarão presentes em suas articulações posteriores. Em especial o registro simbólico, que é veementemente privilegiado nessa guinada que marca o pensamento de Lacan na década de 1950. Aqui se toma o significante como elemento fundamental para a compreensão do corpo, que passa a ser reconhecido como suporte da letra. Simanke (2016) comenta que:

“[...] o que passa para o primeiro plano agora não é mais a função da imagem nos processos de subjetivação do corpo, mas sim o papel aí desempenhado pela linguagem, compreendida ao modo formalista como o estruturalismo a concebe – concepção que Lacan sintetiza em seu conceito de significante, emprestado a Jacobson que, por sua vez, fora buscá-lo em Saussure” (p.8).

Neste período histórico de sua produção, vários "esquemas" começam a ser criados como tentativas de formalizar, por meio de diagramas, certos aspectos de sua teoria psicanalítica. Tais esquemas podem ser vistos como a primeira incursão de Lacan no campo da topologia (Simanke, 2002). Cada ponto de um esquema é indicado por um dos símbolos da álgebra lacaniana, enquanto os vetores retratam as relações estruturais entre esses símbolos.

Um exemplo é o Esquema Óptico – este derivado do experimento do buquê invertido de Bouasse – no qual Lacan revisa sua versão inicial do Estágio do Espelho: há agora uma condição para o acesso à imagem especular, que não transcorre mais de maneira automática, imediatamente após a mera visão de um semelhante no espelho. Essa condição é retratada através do desenho de um olho, que, no modelo, traduz o Outro (o Outro pertencente ao registro simbólico, grafado em maiúsculo para que não se confunda com o outro especular, pertencente ao registro imaginário). Ou seja, antes que possa se apropriar da imagem refletida, a criança volta seu olhar ao adulto, que exerce a função de grande Outro ao ratificar, com palavras, o valor dessa imagem, intervindo na relação narcísica do bebê com seu pequeno outro no espelho, que doravante é igualmente subordinado aos símbolos (1960/1998c).

Fig.4. O Esquema Óptico.



Fonte: Lacan (1953-1954/1986), p.147.

Lacan (1985/1955-1956) entende que o imaginário humano não é análogo ao imaginário animal, dado que está necessariamente inserido na complexidade da linguagem e é, como tal, artigo de representação. O filhote humano, desde antes de seu nascimento, já está inscrito em um universo simbólico que designa sua posição no mundo. São os códigos que tecem a ordem simbólica, a qual, por sua vez, está encarregada da constituição propriamente dita do sujeito em uma rede de significantes:

“Aí está o fundamento sobre o qual se diferencia o mundo humano do mundo animal. O objeto humano se distingue por sua neutralidade e sua proliferação indefinida. Ele não é dependente da preparação de nenhuma cooptação instintual do sujeito, como há cooptação, aglutinação de uma valência química com outra. O que faz com que o mundo humano seja um mundo coberto de objetos se acha fundado nisto: o objeto de interesse humano é o objeto do desejo do outro.” (Lacan, 1985/1955-1956, p.50)

Atento às reconfigurações que a inserção do registro simbólico traz para sua teoria, Lacan dedica grande parte das lições de seu segundo seminário para melhor explicar aos ouvintes o que na versão publicada foi intitulado “Para além do imaginário, o simbólico ou do pequeno ao grande outro” – conjunto de capítulos que tratam dos efeitos da cadeia simbólica sobre o sujeito. A título de exemplo, neste segmento está localizado o capítulo XVI, que se desenvolve em torno do conhecido uso que Lacan faz do conto *A carta roubada*,

de 1844, escrito por Edgar Allan Poe, para demonstrar os percursos do significante e sua aplicação ao sujeito, assim como a prevalência do significante sobre o significado. Seguindo uma estilística típica do círculo intelectual ao qual pertencia, Lacan usa o título da narrativa de Poe para brincar com a homofonia *purloined letter*, uma alusão aos desvios e deslocamentos da carta, que determinam os papéis dos protagonistas ao longo da história.

Ele resume a novela de Poe:

“Penso que vocês sabem, no entanto, que se trata da história de uma carta roubada [...] A cena se passa na França durante a monarquia restaurada [...] Um ministro, ele mesmo homem de alta linhagem, de grande desenvoltura social, e que possui a confiança do casal régio, pois se encontra a falar dos assuntos de Estado na intimidade do rei e da rainha, surpreende o embaraço desta última, que acaba de tentar dissimular ao seu augusto parceiro a presença sobre a mesa de algo que é nada menos do que uma carta, da qual o ministro discerne imediatamente o sobrescrito e o sentido. Trata-se de uma correspondência secreta. Se a carta fica aí, atirada com indiferença sobre a mesa, é justamente para o rei não notar sua presença. É com sua desatenção, senão com sua cegueira, que a rainha joga.” (p.245)

O ministro D por acaso tem em mãos outra carta de aparência parecida e a coloca vagarosamente sobre a mesa ao lado da primeira carta. Feito isto, aproveitando a desatenção do rei, furta esta última e a coloca no bolso, sem que a rainha – que desta cena não perdeu um só detalhe – nada possa fazer para impedir o extravio do documento comprometedor.

Lacan continua:

“Poupo-lhes o resto. A rainha quer a todo custo recuperar este instrumento de pressão, senão de chantagem. Ela põe a polícia na jogada. A polícia por ser feita para nada achar, não acha nada. E Dupin quem resolve o problema e descobre a carta lá onde ela está, isto é, no apartamento do ministro, no lugar mais evidente, ao alcance da mão, apenas disfarçada.” (p.246)

Então Dupin, o célebre detetive criado por Poe, a fim de pegar a carta, manda disparar um tiro fora da residência do ministro D, que vai à janela ver o que está acontecendo. Enquanto tal alarde se desenrola, Dupin apanha a carta e a substitui rapidamente por outra. Assim, a ação de Dupin pode resultar no infortúnio de que o ministro D, se ludibriado por

suas pretensões políticas ou caso desafiado a provar seu poder, saque a carta e caia em sua própria artimanha.

Lacan inverte a lógica do provérbio em latim *verba volant, scripta manent* (as palavras voam, mas permanecem quando escritas), chegando à noção de que não a escrita, mas a fala permanece – e que, diante do jogo dos símbolos, nada se pode fazer – advertindo que se deve ter muito cuidado com o que é dito. Pois a carta, a letra, essa vai embora e passeia sozinha, enquanto as falas permanecem até quando ninguém mais se recorda delas. Lacan constata que se pode haver uma carta roubada, é porque uma carta é uma *folha volante*. “Já pensaram que uma carta é justamente uma fala que voa? [...] São os *scripta* que *volant*” (p.249)

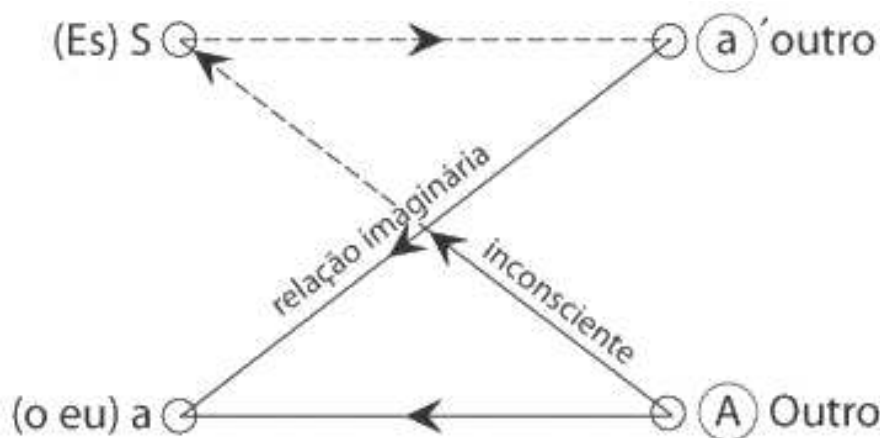
Para além das figuras do ministro D, da rainha, do rei ou mesmo de Dupin, Lacan interpreta a carta – a *fala que voa* – como personagem central da trama de Poe, utilizando-a para ilustrar suas novas ideias:

“A carta é aqui sinônimo do sujeito inicial, radical. *Trata-se do símbolo a deslocar-se em estado puro, no qual não se pode tocar sem se ficar imediatamente preso em seu jogo.* Assim, o que o conto da Carta roubada significa é que o destino ou a causalidade não é nada que se possa definir em função da existência.

Quando os personagens se apoderam desta carta, pode-se dizer que algo, que sobrepuja e de muito suas particularidades individuais, os pega e os arrasta. *Sejam quem for, a cada etapa da transformação simbólica da carta, eles serão unicamente definidos pela sua posição em relação a este sujeito radical [...]* Em outros termos, se considerarmos esta história em seu aspecto exemplar, a carta é, para cada um, seu inconsciente. *É seu inconsciente com todas as conseqüências, ou seja, a cada momento do circuito simbólico, cada qual torna-se um outro homem.*” (pp. 247-248, grifo nosso)

Lacan conclui de seu estudo do texto de Poe que “uma carta sempre chega ao seu destino” (p.253), apontando que o emissor sempre recebe do receptor sua própria mensagem de uma forma invertida – inferência que culmina na formulação do designado Esquema L, que será mencionado já em tom de encerramento deste capítulo.

Fig.5. O Esquema L.



Fonte: Lacan (1954-1955/1987), p.307.

O Esquema L (Figura 5) consiste em uma topologia que contém nos vértices do seu quadrilátero os elementos A (Outro), S (sujeito), a (eu) e a' (imagem especular). Examinando os componentes do esquema, (S) é o sujeito, neurótico ou psicótico. O (A) maiúsculo corresponde ao grande Outro (*Autre*), a alteridade radical dos significantes. A letra (a) minúscula significa o eu imaginário que se vê a si mesmo. O (a') equivale à imagem especular, o pequeno outro imaginário (*a'utre*), o semelhante em posição de objeto que é uma projeção do eu. O sujeito está referido aos três elementos. Há dois eixos principais, o eixo da relação do sujeito com o Outro, como relação simbólica, que é o próprio inconsciente, o qual é interceptado pelo eixo do imaginário, representado pela relação imaginária a – a'.

“[...] é sob a forma do outro especular que ele [o eu] vê aquele que, *por razões que são estruturais*, chamamos de seu semelhante. Esta forma do outro tem a mais estreita relação com o seu eu, ela lhe pode ser superposta, e nós a escrevemos a'. (p.307, grifo nosso)

Logo, há o plano do espelho e o mundo simétrico dos iguais e dos outros homogêneos. Ainda assim, “carece distinguir, deste aí, um outro plano, que vamos chamar de *muro da linguagem*.” (p.307, grifo nosso) É a partir da ordem definida pelo muro da linguagem (registro simbólico) que o imaginário toma sua falsa realidade. Os verdadeiros Outros – A₁, A₂, – são inalcançáveis. Estão do outro lado do muro da linguagem, que, em princípio, jamais se conhece. Quando o sujeito tenta se comunicar com seus semelhantes, fala

na linguagem comum, que considera os *eus* imaginários como coisas reais. O Esquema L destaca exatamente como isso funciona a todo tempo nessa ambiguidade.

“Por não poder saber o que se acha no campo em que o diálogo concreto se dá, ele lida com um certo número de personagens, a', a". Na medida em que o sujeito os põe em relação com sua própria imagem, aqueles com quem fala são também aqueles com quem se identifica.” (p.308)

“São eles que fundamentalmente, visto cada vez que pronuncio uma fala verdadeira, mas sempre alcanço a', a", por reflexão. Visto sempre os sujeitos verdadeiros, e tenho de me contentar com as sombras. O sujeito está separado dos Outros, os verdadeiros, pelo muro da linguagem.” (p.308)

Considerando tudo o que foi exposto até aqui, deve-se reconhecer que, apesar de Lacan sugerir que sua interpretação da obra de Freud é fidedigna ao sentido original dos textos, o que se percebe de fato é a construção de uma nova teoria. Seu projeto de retornar aos clássicos freudianos na realidade dependeu fortemente de seu contato com Lévi-Strauss. Qualquer comparação trivial entre o trabalho do psicanalista e o do antropólogo revela como as ideias de Lacan sobre a função simbólica, sobre o poder da linguagem e até mesmo sobre o próprio inconsciente o deixariam para sempre em dívida com Lévi-Strauss.

Em suma, nos aspectos fundamentais da teoria lacaniana do imaginário e do simbólico – examinados neste capítulo – encontram-se os exemplos mais representativos de como esses desenvolvimentos se expressam na sua abordagem da psicose, que será discutida no capítulo a seguir.

CAPÍTULO III – CORPO E PSICOSE NA LEITURA DE LACAN DO CASO SCHREBER

No terceiro ano do Seminário (1955-1956), além de algumas alusões ao Homem dos Lobos e a casos clínicos do próprio Lacan, o caso de Daniel Paul Schreber é o principal norteador para as elaborações teóricas de Lacan sobre as psicoses – em muitas ocasiões, até mesmo longos trechos do livro de memórias de Schreber são lidos na íntegra durante as lições.

Neste seminário, a abordagem das psicoses que Lacan propõe participa decisivamente do movimento de revisão de seu aparato metapsicológico, comentado no capítulo anterior. O corpo do sujeito, que antes comparecia na teoria fundamentalmente através da mediação da imagem, passa a ser pensado pela perspectiva do simbólico e do significante e, no limite, reduzido à sua estrutura.

Lacan começa o seminário discutindo a nosologia das psicoses, divididas até então na dicotomia kraepeliniana em paranoias ou parafrenias, segundo a escola alemã de psiquiatria. Desde os primórdios de sua formação como psiquiatra, Lacan se opusera às concepções oitocentistas da paranoia e da psicose em geral, propondo uma série de hipóteses alternativas que cada vez mais o afastaram da psiquiatria tradicional.

“O que abrange o termo psicose no domínio psiquiátrico? Psicose não é demência. As psicoses são, se quiserem – não há razão para se dar ao luxo de recusar empregar este termo –, o que corresponde àquilo a que sempre se chamou, e a que legitimamente continua se chamando, as *loucuras*.” (p.12, grifo do autor)

Também distanciando-se de Freud, que usa a terminologia *dementia paranoides*, de Kraepelin, para designar o caso, Lacan reconhece que Schreber é paranoico, mesmo que inicialmente seja observada uma fase esquizofrênica com presença de sintomas hipocondríacos:

“O discurso de Schreber tem seguramente uma estrutura diferente. Schreber nota no início de um de seus capítulos, muito humoristicamente – *Dizem que eu sou paranóico*. Com efeito, naquela época, mal nos havíamos libertado suficientemente da primeira classificação kraepeliniana para qualificá-lo de paranóico, enquanto seus sintomas vão muito mais longe.

Mas, quando Freud o nomeia parafrênico, vai ainda mais longe, pois a parafrênia é o nome que Freud propõe para a demência precoce, a esquizofrenia de Bleuler.” (p.157, grifo do autor)

Grosso modo, Lacan considera que a esquizofrenia estaria mais próxima do corpo despedaçado e autoerótico que constitui o eu antes do Estágio do Espelho, ao passo que a paranoia estaria mais perto do eixo imaginário que marca os primeiros movimentos da constituição do eu (Rinaldi e Pitanga, 2020). Nessa direção, fica estabelecida também uma categoria de maior organização tanto do campo de realidade quanto do que diz respeito ao estatuto do corpo, uma vez que, no caso da esquizofrenia, o corpo está na condição do autoerotismo e, no caso da paranoia, há uma maior unidade corporal. Lacan dirá mais à frente que:

“Todo o mundo sabe, com a condição de que se seja psiquiatra, que, num paranóico bem constituído, não se pode falar em mobilizar esse investimento, enquanto nos esquizofrênicos, *a desordem propriamente psicótica vai em princípio muito mais longe que nos paranóicos.*” (p.169, grifo nosso)

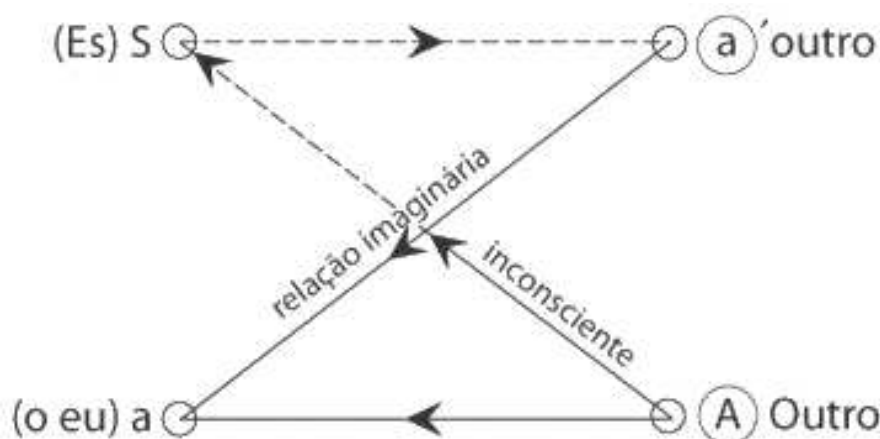
Vê-se, na diferenciação feita por Lacan entre a paranoia e a esquizofrenia, que o problema do eu e sua função imaginária segue como uma pauta importante em seus estudos, a exemplo dos primeiro e segundo seminários. A este ponto de sua teoria, Lacan já está convencido de que o eu se constitui inicialmente no campo do pequeno outro, o que, no Esquema L (introduzido no ano anterior) é representado pelo eixo imaginário entre *a* e *a'*:

“Os pólos imaginários do sujeito, *a* e *a'*, recobrem a relação dita especular, a do estágio do espelho. O sujeito, na corporeidade e na multiplicidade de seu organismo, em seu espedaçamento natural, que está em *a'*, se refere a essa unidade imaginária que é o eu, *a*, onde ele se conhece e se desconhece e que é aquilo de que ele fala – ele não sabe a quem, já que não sabe tampouco quem nele fala.” (p.185-186).

O Esquema L (Figura 6) é lembrado por Lacan ainda nas páginas iniciais do terceiro seminário para reiterar que o estatuto do sujeito, seja neurótico ou psicótico, depende do que se passa no Outro, que se articula como discurso. Perguntando-se sobre a natureza do fenômeno alucinatório, ele atribui uma distinção essencial: “a origem do recalcado neurótico

não se situa no simbólico no mesmo nível de história que o do recalcado de que se trata na psicose” (p.23). É com vistas nisso que Lacan se ocupará, pelo resto do seminário, de explicar a questão central da psicose: a não ordenação do real pela estrutura simbólica e a importância do recurso imaginário – que pode ser alucinatório ou não – para fazer suplência a essa não entrada do simbólico.

Fig.6. O Esquema L.



Fonte: Lacan (1954-1955/1987), p.22.

Lacan adverte que “é clássico dizer que, na psicose, o inconsciente está à superfície, é consciente” (p.20), mas isso não lhe parece ter grande efeito em ser articulado. Ele usa o Esquema L como recurso para demonstrar que o testemunho do inconsciente na psicose é sempre mais direto e radical do que quando comparado à neurose. Esse esclarecimento se constrói em torno da concepção de que, na psicose, a linha que liga S-A não é interrompida – entre o sujeito e o Outro (simbólico), não há interdição, o sujeito não é barrado e o discurso inconsciente é contínuo, revelado sem intervalo, sem suspensão. Assim, o psicótico faz o seu testemunho de forma explícita, enquanto o testemunho do neurótico se faz de forma encoberta:

“É o mesmo caso do esquema do ano passado, no que concerne à alucinação verbal. Nosso esquema, lembro isso a vocês, figura a interrupção da palavra plena entre o sujeito e o Outro e seu desvio pelos dois eu, *a* e *a'*, e suas relações imaginárias. Uma triplicidade está aqui indicada no sujeito, que abrange o fato de que é o eu do sujeito que fala normalmente a um outro, e do sujeito, do sujeito S, em terceira pessoa. Aristóteles observava

que não convém dizer que o homem pensa, mas que ele pensa com sua alma. Da mesma maneira, eu digo que o sujeito *se fala com* o seu eu.” (p.23, grifo do autor)

No sujeito neurótico, falar-se com o seu eu nunca é plenamente explicitável – sua relação com o eu é sobretudo ambígua, toda assunção do eu é revogável. Ao contrário, no sujeito psicótico, certos fenômenos elementares, em especial a alucinação que é a sua forma mais característica, mostram o sujeito completamente identificado ao seu eu com o qual ele fala – ou o eu totalmente assumido de modo instrumental.

“É ele que fala dele, o sujeito, o S, nos dois sentidos equívocos do termo, a inicial S e o Es alemão. É justamente o que se apresenta no fenômeno da alucinação verbal. *No momento em que ela aparece no real, isto é, acompanhada desse sentimento de realidade que é a característica fundamental do fenômeno elementar, o sujeito fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade.*” (p.23, grifo nosso)

Os fenômenos elementares, ainda que advindos de uma tradição clínica cujos pressupostos epistemológicos Lacan combatia abertamente, participam de sua tentativa de situar as psicoses em relação aos três registros do simbólico, do imaginário e do real. Esses fenômenos eram considerados como elementos por constituírem as unidades mais simples que compõem o processo psicopatológico, ideia que advém de uma semiologia atomística, estreitamente ligada a uma determinada conceituação dentro do organicismo – o mecanicismo. Este buscava o fundamento da doença na hipótese da ocorrência de uma lesão pontual (Simanke, 2002, p.35).

Gaëtan Clérambault – a quem Lacan chama de seu *único* mestre em psiquiatria – apesar de muito criticado, sobretudo pelas suas concepções organicistas e mecanicistas consideradas já ultrapassadas pelo pensamento psiquiátrico de então, enumerou uma série de sintomas que para ele seriam elementares a qualquer processo psicótico. Esses sintomas, caracteristicamente mecânicos, atemáticos e anideicos, englobam o que foi denominado como Automatismo Mental (Gasparetto et al, 2018). A formulação de Clérambault atingiu o pensamento de Lacan e possibilitou-lhe construir uma doutrina sobre o fenômeno elementar, cuja concepção se constituiu num dos alicerces da teoria lacaniana sobre a psicose. Convicto

de seu projeto estruturalista e influenciado pelas ideias de Clérambault, Lacan argumenta que a noção de elemento não é distinta à de estrutura, irreduzível a outra coisa que não ela mesma:

“O importante do fenômeno elementar não é portanto ser um núcleo inicial, um ponto parasitário, como Clérambault se exprimia, no interior da personalidade, em tomo do qual o sujeito faria uma construção, uma reação fibrosa destinada a enquistá-lo envolvendo-o, e ao mesmo tempo integrá-lo, isto é, explicá-lo como dizem freqüentemente. O delírio não é deduzido, ele reproduz a sua própria força constituinte, é, ele também, um fenômeno elementar. Isso quer dizer que *a noção de elemento não deve ser tomada aí de modo diferente da de estrutura (...)*” (p.28, grifo nosso)

A partir daí, os fenômenos elementares, cuja definição e uso nunca foram consensuais na psiquiatria do século XIX, recebem por parte de Lacan uma nova roupagem, sendo alçados ao estatuto de peça-chave na designação da psicose. Fundamentado no valor semiológico dos fenômenos elementares, Lacan preconiza a presença de distúrbios na ordem da linguagem para que se estabeleça um diagnóstico de psicose. Afinal, se o conceito lacaniano de inconsciente é “estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (p.139), a psicose vai depender, acima de tudo, de um fenômeno de linguagem.

“É o registro da fala que cria toda a riqueza da fenomenologia da psicose, é aí que vemos todos os seus aspectos, as suas decomposições, as suas refrações. A alucinação verbal, que é aí fundamental, é justamente um dos fenômenos mais problemáticos da fala.” (Lacan, 1955-56/1985, p.47)

É desta maneira que os fenômenos elementares atestam – por uma rota completamente nova – a suposição lacaniana de que a psicose seria não uma doença mental de origem orgânica, mas um modo muito particular de relação do sujeito com a linguagem. Se assim for, o registro mais adequado de tratamento do problema da psicose é o campo da fala e da linguagem, ao que Lacan aponta: “a promoção, a valorização na psicose dos fenômenos de linguagem é para nós o mais fecundo dos ensinamentos.” (p.167)

O que se observa em seguida é como o estruturalismo e a teoria linguística fornecem a Lacan uma base conceitual sólida para repaginar certos pressupostos freudianos – naturalmente, de uma perspectiva nada ortodoxa. Neste momento, Lacan está promovendo sua agenda de retorno à obra de Freud, que ele havia anunciado apenas poucos anos antes do

seminário sobre as psicoses, no discurso de Roma, “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953/1998). Nesta conferência capital, como o título sugere, Lacan discute justamente a entrada do sujeito no campo da fala e da linguagem. Sublinha-se:

“Pela palavra, que já é uma presença feita de ausência, *a ausência mesma vem a se nomear* em um momento original cuja perpétua recriação do talento de Freud captou na brincadeira da criança. E desse par modulado da presença e da ausência [...] nasce o universo de sentido de uma língua, no qual o universo das coisas vem se dispor.” (Lacan, 1953/1998, p.276, grifo nosso)

Algumas coisas interessantes podem ser extraídas do trecho acima. Lacan se refere à brincadeira do *fort-da*, expressão criada em “Além do princípio do prazer”, publicação de grande notoriedade por ser o primeiro trabalho em que Freud veicula a problemática da pulsão de morte – tendência do organismo a “retornar ao inorgânico” ao repetir “o comportamento de buscar a morte ao seu próprio modo.” (Freud, 1920/2010, pp.149-150). O famoso jogo do *fort-da* foi descrito por Freud como uma brincadeira que consiste na desapareição e surgimento de um determinado objeto – no caso, um carretel que seria lançado e depois recuperado. Freud interpreta o *fort-da* como uma encenação das partidas e retornos da figura materna, o que torna possível que o bebê “deixe a mãe ir”, pois, agora, ele próprio pode encenar o desaparecimento e o retorno dos objetos ao seu redor.

O infante reviveria a ausência e presença materna por meio desse objeto. Isso, na visão de Lacan, possibilitaria que a criança representasse simbolicamente os desaparecimentos e ressurgimentos da mãe. Numa tradução lacaniana, ao fazê-lo, a criança inverte o abandono sofrido pela mãe, numa espécie de controle simbólico do objeto perdido. A brincadeira do *fort-da* permite que o *infans* saia da posição passiva – encontrada na alienação – e resulta na constatação da ausência e na elaboração da falta. Se a criança tem o objeto representado pela linguagem, então pode substituí-lo. É a designação simbólica da renúncia daquele objeto perdido.

“Foram esses jogos de ocultação que Freud, numa intuição genial, produziu, a nosso ver, para que neles reconhecêssemos que o momento em que *o desejo se humaniza é também aquele em que a criança nasce para a linguagem.*” (Lacan, 1953/1998, p.320, grifo nosso)

Mas, para que algo possa ser simbolizado, precisa ser antes afirmado. No seminário sobre as psicoses, Lacan indica que, atrás do processo de verbalização, há uma *Bejahung* inaugural, uma afirmação primordial, decisória na constituição do sujeito e sua determinação pela linguagem. Seria portanto uma admissão no sentido do simbólico – a inscrição de um traço como *Bejahung*.

“A simbolização, em outras palavras, a Lei, desempenha aí um papel primordial. Se Freud insistiu a tal ponto no complexo de Édipo, que chegou até a construir uma sociologia de totens e tabus, é patentemente porque para ele a Lei está ali *ab origine*. Não se trata por conseguinte de se colocar a questão das origens – a Lei está justamente ali desde o início, desde sempre, e a sexualidade humana deve se realizar por meio e através dela. Essa Lei fundamental é simplesmente uma Lei de simbolização. É o que o Édipo quer dizer.” (Lacan, 1953/1998, p.100)

O Complexo de Édipo entra aqui como o esteio no qual se desenrola a operação metafórica que situa o pai como representante da lei que ordena simbolicamente a castração. O pai intervém em diversos planos – antes de mais nada interdita a mãe. Esse é o fundamento do Complexo de Édipo, em que o pai se liga à lei primordial da proibição do incesto. Toda a viabilidade do Édipo se dá fundada no recalque originário do significante do desejo da mãe. O resultado é a substituição pelo significante paterno, que Lacan articula à travessia edipiana mediante ao que intitulou Nome-do-Pai – em francês, *le nom-du-père* ou *le non-du-père* (o “não” do pai). Em outros termos, o significante limitador do pai tem como função substituir e cercear o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno. Torna-se, assim, inconsciente o significante do desejo da mãe (S1) pois foi objeto do recalque originário, isto é, só foi recalcado em virtude da substituição pelo significante paterno (S2) – substituição que é da ordem da metáfora. Tal é a estrutura da neurose para Lacan.

“O que é o recalque para o neurótico? É uma língua, uma outra língua que ele fabrica com seus sintomas, isto é, se é um histérico ou um obsessivo, com a dialética imaginária dele e do outro. O sintoma neurótico desempenha o papel da língua que permite exprimir o recalque. É justamente aquilo que nos faz ver claramente que o recalque e o retorno do recalcado são uma só e mesma coisa, o direito e o avesso de um só e mesmo processo.” (Lacan, 1955-56/1985, p.75).

Em contrapartida, a estrutura psicótica resultaria de um mau funcionamento do Complexo de Édipo, de uma falta da função paterna, e Lacan pensa o fracasso desse processo a partir do suposto uso conceitual de Freud do termo *Verwerfung* – que ele inicialmente traduz por *refus* ou *rejet*, recusa ou rejeição, e depois, inspirado no vocabulário jurídico francês, elabora como *forclusion*, forclusão. Lacan mesmo admite que Freud não utiliza essa palavra muitas vezes, e que foi buscá-la “nos dois ou três cantos onde ela se deixa surpreender, e mesmo algumas vezes ali onde ela não se deixa, mas onde a compreensão do texto exige que ela seja suposta” (p.177).

"Ao nível dessa *Bejahung* pura, primitiva, que pode realizar-se ou não, estabelece-se uma primeira dicotomia – o que teria sido submetido à *Bejahung*, à simbolização primitiva, terá diversos destinos, o que cai sob o golpe da *Verwerfung* primitiva terá outro." (Lacan, 1955-56/1985, p.98)

A *Verwerfung* forma um par dicotômico com a *Bejahung*. Na psicose não ocorre a *Bejahung*, o acesso ao simbólico, ou seja, o sujeito não sofre uma primeira representação, uma vez que o significante foi foracluído. O Édipo, enquanto lei de simbolização, fracassa, e o significante do Nome-do-Pai não se inscreve como falta simbólica no Outro, deixando de intervir como corte – a não interrupção da linha S-A no Esquema L. Mais importante, é função do Nome-do-Pai, como significante mestre, sustentar a imagem do corpo, como também ordenar aquilo que é concebido pelo sujeito como corpo próprio. É a ausência desse significante organizador que leva às vivências caóticas do sujeito psicótico com o próprio corpo – é uma perda no nível corporal.

Na sua definição de *Verwerfung*:

“Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis o mecanismo fundamental que suponho na base da paranoia. *Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante.*” (Lacan, 1955-56/1985, p.174, grifo nosso).

Em sua discussão do mecanismo específico de constituição da estrutura psicótica – o seu conceito de forclusão (*forclusion*) –, Lacan afirma de modo explícito e taxativo uma virtual redução da corporeidade à linguagem e ao significante. Da maneira como isso se

apresentava para Lacan, o corpo, entendido como superfície, é sulcado pelo traço e habitado pelos significantes. O psicótico seria habitado, possuído pela linguagem – diferentemente do neurótico, que habita a linguagem. Habita devido ao recalque, mecanismo que reintegra os significantes ao inconsciente via simbólico.

“Como não ver na fenomenologia da psicose que tudo, do começo ao fim, se deve a uma certa relação com essa linguagem, de uma só vez promovida ao primeiro plano da cena, que fala sozinha, em voz alta, com seu ruído, seu furor, bem como com sua neutralidade? Se o neurótico habita a linguagem o psicótico é habitado, possuído pela linguagem.” (p.284, grifo nosso).

Nota-se que em momento algum Lacan recorre ao corpo biológico como referência na explicação dos fenômenos mentais, em geral, e psicopatológicos, em particular. A abordagem lacaniana das psicoses faz referência constante e reiterada ao corpo no contexto de um aparato teórico que neutraliza a sua efetividade explicativa (Simanke, 2016). Quando trata dessas questões, Lacan reafirma, então, com todas as letras, essa redução do corpo à linguagem e ao significante, expressa aqui na sua visão da corporeidade psicótica, mas que, como se viu acima, é o eixo de sua concepção da corporeidade em geral.

Pensando no escopo deste trabalho, para Lacan, devido ainda ao mecanismo da forclusão, a relação do psicótico com o corpo seria representada por um leque de possibilidades que oscilam desde a mais completa indiferença ao fato de existir um corpo até a excessiva preocupação hipocondríaca. E, no surto, devido ao modo como este se articula à linguagem, o corpo se torna palco das mais bizarras e angustiantes experiências. Lacan promove também a noção de que é em razão da ausência de representações simbólicas que a fala psicótica se mostra tão peculiar, podendo ficar ininteligível diante da desorganização na construção das frases. Há também na fala uma referência frequente aos órgãos e partes do corpo, principalmente num viés hipocondríaco, o que Freud havia designado como a “fala de órgão”, ou “linguagem de órgão” (Caropreso e Simanke, 2006).

“O que vemos desde o início são sintomas, primeiramente hipocondríacos, que são sintomas psicóticos. Encontra-se aí sem dificuldade esse algo de particular que está no fundo tanto da relação psicótica como dos fenômenos psicossomáticos com os quais essa clínica se ocupou de modo todo especial, e que para ela são certamente a via de introdução à fenomenologia desse caso. É aí que ela pôde ter a apreensão direta de fenômenos

estruturados de modo bem diferente do que se passa nas neuroses, a saber, onde há não sei que impressão ou inscrição direta de uma característica, e mesmo, em certos casos, de um conflito, *no que se pode chamar o quadro material que apresenta o sujeito enquanto ser corpóreo.*” (Lacan, 1955-56/1985, p.352, grifo nosso)

São esses fenômenos linguísticos – os quais Lacan julga mandatários no diagnóstico da psicose – que fazem do caso Schreber uma grande oportunidade para legitimar, a partir da sintomatologia apresentada, sua teoria dos significantes. Nem mesmo o fato de que a análise do caso se baseia no texto escrito é menosprezado por Lacan:

“Temos a sorte de ter aí um homem que nos comunica todo o seu sistema delirante, e num momento em que este chegou ao seu pleno desabrochar. [...] *Vocês apreenderão como se modificam os diferentes elementos de um sistema construído em função das coordenadas da linguagem.* Essa abordagem é certamente legítima, em se tratando de um caso que só nos é dado por um livro, e é o que nos permitirá reconstituir eficazmente a sua dinâmica.” (Lacan, 1955-56/1985, p.69, grifo nosso)

Da biografia de Schreber (ver anexos A e B), três fragmentos merecem atenção. Primeiramente, sua derrota nas eleições para o *Reichstag* (assembleia regional), que desencadeou seu primeiro colapso nervoso e culminou numa estada de seis meses no Hospital Psiquiátrico da Universidade de Leipzig, tendo sido assistido nesse período pelo Dr. Flechsig. Em segundo, a sequência de abortos espontâneos sofridos por sua esposa, Ottilin Sabine, e a frustração de Schreber quanto às suas expectativas de paternidade. E, terceiro, a nomeação, em junho de 1893, para o cargo de *Senatspräsident*, juiz presidente da terceira vara da Suprema Corte de Apelação.

Resumindo seu adoecimento, Schreber se julgava vítima de uma conspiração, cujo principal mentor era, inicialmente, seu psiquiatra, Dr. Flechsig – sob cujos cuidados se encontrava desde o princípio de seu processo patológico – e, depois, Deus em pessoa. O objetivo dessa conspiração seria, primeiro, transformá-lo em mulher; em seguida, cometer o que chama de "assassinato de alma". Ressalta-se em seu relato a expressão "Ordem do Mundo", que, na perseguição sexual, está sendo contrariada. Na verdade, Schreber constrói todo um vasto sistema cosmoteológico, dando dimensões metafísicas ao seu delírio, fabricando um mundo em que as almas são constituídas por “nervos”, assim como o próprio

Deus, cujos nervos denominam-se “raios”. Deus não poupa esforços para consumir o assassinato de alma de Schreber, perpetrando toda espécie de barbaridades: altera drasticamente suas vísceras, extinguindo e recuperando órgãos vitais. Vozes ou “pássaros miraculados” falam-lhe continuamente (na “língua fundamental”, um alemão arcaico e eufemístico) procurando denegri-lo e privá-lo da razão.

Aos poucos, o delírio persecutório sexual começa a enlaçar outros elementos e a tornar-se mais complexo, assumindo outro formato e dando contornos a um segundo momento, que consiste em um delírio persecutório sexual articulado a pensamentos religiosos e megalomaniacos. Schreber acreditava ser o único capaz de salvar a humanidade e, para isso, se transformaria em mulher para ser divinamente fecundado e gerar uma nova raça de schrebianos, os quais viriam a purificar o mundo (ver capítulo I).

No seminário sobre as psicoses, são os sintomas de Schreber que servem sistematicamente de evidência para a tese lacaniana da subordinação do corpo à linguagem, segundo a qual, como já indicado, apenas através desta última a corporeidade pode agir na constituição do sujeito e em seus processos. Lacan encontra solo fértil para isso, observando que desde o desencadeamento da doença de Schreber há uma significativa perturbação de sua experiência corporal – e que seu vocabulário diz muito sobre isso:

“O próprio Schreber sublinha sem cessar a originalidade de certos termos de seu discurso. Quando ele nos fala, por exemplo, de *Nervenanhang*, de adjunção de nervos, ele precisa bem que essa palavra foi dita a ele pelas almas examinadas ou pelos raios divinos. São palavras-chaves, e ele próprio nota que nunca teria achado a sua fórmula, palavras originais, palavras plenas, bem diferentes das palavras que emprega para comunicar a sua experiência. Ele próprio não se engana nesse particular, existem aí planos diferentes.” (Lacan, 1955-56/1985, p.43, grifo do autor)

Lacan apreende que, no nível do significante, em seu caráter material, o delírio se distingue precisamente por esta forma especial de discordância com a linguagem comum que é o neologismo. É um fenômeno de linguagem típico da psicose, diferente do que, na neurose, se chama de chiste, de ato falho, de sintoma neurótico e de sonho – manifestações associadas ao inconsciente neurótico.

“Isso se vê no texto de Schreber como na presença de um doente. A significação dessas palavras que fazem vocês se deterem tem como prioridade remeter essencialmente para a significação, como tal. É uma significação que basicamente só remete a ela própria, que permanece irreduzível. O próprio doente sublinha que a palavra tem peso em si mesma. Antes de ser redutível a uma outra significação, ela significa em si mesma alguma coisa de inefável, é uma significação que remete antes de mais nada à significação enquanto tal.” (Lacan, 1955-56/1985, p.43)

Se na neurose o enigma está sempre mantido através do recalque, o enigma da psicose é acessado através do neologismo. “Encontramos também no próprio texto do delírio uma verdade que lá não está escondida, como acontece nas neuroses, mas realmente explicitada, e quase teorizada” (p.37). Para Lacan, há dois tipos de fenômenos onde se projeta o neologismo: a intuição e a fórmula. A intuição delirante se refere ao primeiro momento em que o significante se impõe na experiência de forma original, o que tem para o sujeito um caráter submergente, inundante. A palavra de forma plena, “lhe revela uma perspectiva nova, cujo cunho original e cujo sabor particular ele sublinha” (p.44). “Ali, a palavra – com sua ênfase plena, como dizem *a palavra do enigma* – é a alma da situação” (p.44). Há também uma segunda forma de apresentação do neologismo, que é em seu caráter repetitivo, quando a significação já não remete a mais nada, numa espécie de “fórmula do vazio” – que Lacan intitulou ritornelo.

“[...] como Schreber quando fala da língua fundamental na qual ele foi introduzido por sua experiência. Ali, a palavra – com sua ênfase plena, como dizem *a palavra do enigma* – é a alma da situação.” (Lacan, 1955-56/1985, p.44)

Nesse ponto, Lacan toma como exemplo a língua fundamental de Schreber, uma mistura de alemão arcaico que ele utiliza para se comunicar com Deus e que lhe foi transmitido através dos raios divinos.

“Os raios puros falam, eles são essencialmente falantes, há uma equivalência entre raios, raias falantes, nervos de Deus, mais todas as formas particulares que eles podem tomar, até e inclusive suas formas diversamente miraculosas, entre as quais as tesouras. Isso corresponde a um período em que domina o que *Schreber* chama a *Grundsprache*, espécie de

alto alemão delicioso que tem a tendência de se exprimir por eufemismos e por antífrases - uma punição se chama, por exemplo, uma recompensa e com efeito a punição é, à sua maneira, uma recompensa.” (Lacan, 1955-56/1985, p.128, grifo nosso)

Na passagem acima está indicado um dos tópicos mais notórios no delírio de Schreber, isto é, sua relação com Deus, que configura um ponto de relativa afinidade nas leituras de Freud e Lacan sobre o caso. No curso de seu terceiro seminário, Lacan usufrui da análise freudiana do caso Schreber e a utiliza em partes para construir sua própria teoria sobre as psicoses. Resumidamente, Freud supõe ter encontrado o mecanismo que constitui a paranoia de Schreber: seria uma defesa que se ergueu contra o surgimento de uma libido homossexual, extremamente difícil de processar, que, posteriormente avançou para um caráter religioso e megalomaniaco, voltado para o contentamento narcísico e trazendo uma saída satisfatória para as forças do eu.

“Se era impossível conciliar-se com o papel de mulher fácil perante o médico, não encontra a mesma resistência do Eu a tarefa de conceder ao próprio Deus a volúpia que ele pede. A emasculação já não é uma desgraça, vem a ser “conforme à Ordem do Mundo”, toma seu lugar num grande contexto cósmico, serve ao fim de uma recriação da humanidade decaída. “Novos homens, saídos do espírito de Schreber”, venerarão como seu ancestral esse que se crê perseguido. Assim é encontrado um expediente que satisfaz as duas partes em conflito. O Eu foi compensado pela megalomania, enquanto a fantasia de desejo feminina se impôs, tornou-se aceitável.” (Freud, 1911/2010, p.43)

Todavia Freud chega a outra constatação importantíssima, que, além de elucidar o caso em questão, enriquece o estudo das psicoses, indicando que, mais do que impulsos homossexuais na origem da enfermidade de Schreber, há o complexo paterno. Ele escreve:

“Portanto, também no caso Schreber nos achamos no familiar terreno do complexo paterno. Se a luta com Flechsig revelou-se, para o doente, um conflito com Deus, temos de traduzi-lo num conflito infantil com o pai amado, cujas particularidades – que não conhecemos – determinaram o conteúdo do delírio.” (Freud, 1911/2010, p.49)

Ou seja, no delírio de Schreber, a figura de Deus com a qual o paciente se encontra em conflito é vista por Freud como uma representação do pai do Complexo de Édipo, na sua função de suporte da lei, de interdição do incesto e, acima de tudo, como porta-voz da ameaça de castração. Logo, além da hipótese de que o cerne da moléstia de Schreber seria decorrente de uma defesa contra sua homossexualidade latente, Freud complementa que: "A mais temida ameaça do pai, a castração, realmente proporcionou o material para a fantasia-desejo de transformação em mulher, primeiro combatida e depois aceita" (Freud, 1911/2010, p.49). Freud conclui que a mudança de homem para mulher é para Schreber a única saída frente ao temor à castração paterna.

Essa é, dentre as suposições de Freud (1911/2010) em "Notas...", a interpretação de maior contribuição para Lacan – isto é, o delírio de Schreber pensado pelas lentes do complexo paterno. Sobre a leitura freudiana, Lacan diz:

"Sejam quais forem certas fraquezas da argumentação freudiana a respeito da psicose, é inegável que a função do pai é tão exaltada em Schreber que não é preciso nada menos que Deus, o pai – e num sujeito para quem até então isso não tinha sentido algum – para que o delírio chegue a seu ponto de acabamento, de equilíbrio. A prevalência, em toda a evolução da psicose de Schreber, das personagens paternas que se substituem umas às outras, e vão sempre crescendo e se envolvendo umas às outras até se identificarem com o próprio Pai Divino, com a divindade marcada pela ênfase propriamente paterna, é inegável, inabalável. E destinada a nos fazer recolocar o problema – como é possível que algo que dê tanta razão a Freud não seja abordado por ele senão sob certos modos que deixam a desejar?" (Lacan, 1955-56/1985, p.353)

Freud e Lacan concordam que há uma associação crucial entre a figura do pai e Deus – questão de grande valor para a compreensão de todo o sistema delirante descrito por Schreber. Posto na versão lacaniana, o que está em jogo na fenomenologia da psicose é o encontro de Schreber com o significante paterno e uma impossibilidade estrutural de abordagem desse significante. O período pré-psicótico de Schreber é comparado por Lacan a um tamborete de três pés. Por não ter completado o Édipo, o sujeito se equilibra nos três pés do tamborete, através de uma compensação do que no Édipo esteve ausente:

“Nem todos os tamboretes têm quatro pés. Há os que ficam em pé com três (...) É possível que de saída não haja no tamborete pés suficientes, mas que ele fique firme assim mesmo até certo momento, quando o sujeito, numa certa encruzilhada de sua história biográfica, é confrontado com esse defeito que existe desde sempre. Para designá-lo, contentamo-nos até o presente com o termo *Verwerfung*.” (p.237)

É então que Lacan se questiona: “O que será que torna subitamente insuficientes as muletas imaginárias que permitiam ao sujeito compensar a ausência do significante?” (p.240). Ele explica que seria na medida de um certo apelo ao qual o sujeito não pode responder, o qual produz “uma abundância imaginária de modos de seres que são outras tantas relações com o outro com a minúsculo, abundância que suporta um certo modo da linguagem e da fala” (p.297, ver também p.353). Esse encontro com o significante marcaria a entrada na psicose.

“Vejam em que momento de sua vida a psicose do presidente Schreber se declara. Mais de uma vez, ele esteve em situação de esperar tornar-se pai. Ei-lo a um só tempo investido de uma função considerável socialmente, e que tem muito valor para ele – ele se torna presidente no Tribunal de Apelação. [...] Ei-lo introduzido no ápice da hierarquia legisladora, entre homens que fazem leis e que têm todos mais vinte anos que ele – perturbação da ordem das gerações. Em virtude de quê? De uma convocação expressa dos ministros. Essa promoção de sua existência nominal solicita dele uma integração renovadora. Trata-se afinal de contas de saber se o sujeito se tornará, ou não, pai. É a questão do pai, que centra toda a investigação de Freud, todas as perspectivas que ele introduziu na experiência subjetiva.” (p.359-360)

É de comum acordo entre Freud e Lacan que o cargo no Tribunal de Apelação, ainda que almejado por Schreber, era algo impossível de ser ocupado, por se tratar de um trabalho que comumente era exercido por homens mais velhos. E, na contextualização de sua incapacidade de gerar um filho, o esperado descendente que carregaria sobrenome Schreber, esse cenário é agravado:

“Qual é o significante que é posto em suspenso em sua crise inaugural? É o significante *procriação* em sua forma mais problemática, aquela que o

próprio Freud evoca a propósito dos obsessivos, que não é a forma *ser mãe*, mas a forma *ser pai*. [...]

O presidente Schreber está faltando, segundo o que se sabe, deste significante fundamental que se chama *ser pai*. Por isso é preciso que ele cometa um erro, que ele se embrulhe, até pensar estar ele próprio prenhe como uma mulher. Foi preciso que ele próprio se imaginasse mulher, e realizar numa gravidez a segunda parte do caminho necessário para que, adicionando-se um ao outro, a função *ser pai* seja realizada.” (Lacan, 1955-56/1985, pp.329-330, grifo do autor).

O Deus de Schreber é para Lacan uma metáfora privilegiada para o grande Outro, o Outro simbólico, a personificação suprema da lei – daí a experiência profundamente carnal do delírio hipocondríaco em que se expressa o conflito: na descrição de Schreber, seus pulmões foram reabsorvidos, seus órgãos genitais liquefeitos, o esôfago e o intestino volatilizados, o osso da calota craniana pulverizado e, mais de uma vez, ele engoliu a própria traquéia. Assim ele descreve esse período: “Eu sou o primeiro cadáver leproso e conduzo um cadáver leproso” (Schreber, 1910/1984, p.76).

Aqui se chega ao ponto central deste trabalho: afinal, como se poderia falar de uma experiência *simbólica* do corpo na psicose? Para a apreciação dessa pergunta, é preciso voltar à noção de uma experiência imaginária do corpo no que concerne ao seu desenvolvimento – um corpo despedaçado, sem contorno e, de certa maneira, estranho, que se constitui desde a alienação de sua imagem e a imagem do outro. Essa dimensão do estranhamento é a mesma do Estágio do Espelho (ver capítulo II), que culmina num eu virtual que não representa o sujeito tal como é, mas como uma figura homogênea advinda do meio externo, distinta da ambiguidade pulsional e do corpo desorganizado em suas partes.

Lacan parte do princípio de que essa formação primitiva da qual se deriva o eu – em sua condição de elemento cuja confecção é extrínseca – é como a reedição de um fenômeno análogo ao delírio paranoico: surge um eu, mas que se aliena à exterioridade da forma/imagem de seu corpo. Ato contínuo, a paranoia se manifesta como o mecanismo mais universal do eu que se compõe nessa primeira identificação, a qual encapsula o sujeito continuamente ao longo de sua trajetória – e que, neste paradigma, não pode trazer ao indivíduo senão a enfadonha discrepância entre o corpo orgânico e a imagem do corpo, alienada ao outro na relação imaginária. Essa é a base do conhecimento paranoico, que tem

como fundamento a identificação primeira do Estágio do Espelho como formadora do eu como outro. Tudo isso é levado às últimas consequências na psicose, à medida em que se vê como a relação com a alteridade e com o próprio corpo se desenlaça nos fenômenos delirantes e invasivos associados à sintomatologia desses casos. Não surpreende que na autobiografia de Schreber não faltam imagens do corpo despedaçado.

Abrindo um parêntese, aqui cabe comentar novamente de que modo Lacan diferencia as duas formas clínicas da psicose – a esquizofrenia e a paranoia. O conceito freudiano de narcisismo (Freud, 1914/2010) vai servir como baliza para que Lacan estabeleça uma demarcação para a regressão experimentada na esquizofrenia como corpo despedaçado (anterior à identificação de uma imagem tomada como matriz simbólica do eu), e também para a paranoia, em que o sujeito é aprisionado em uma relação com a imagem especular e detém-se identificado com o seu eu (na alienação imaginária a e a'). Na análise do caso Schreber, verifica-se a presença de ambas as condições clínicas, ainda que a enfermidade tenha se organizado sobretudo numa paranoia. Seus sintomas, que não eram poucos, são compreendidos por Lacan no interior de sua estrutura psicótica: Schreber era hipocondríaco, mas sua hipocondria estava inserida no todo de sua transformação corporal, essencial na construção de seu delírio paranoico.

Retornando à questão do eu e do corpo, anos depois de idealizar sua teoria do Estágio do Espelho, Lacan vai progressivamente refinando sua proposta de constituição do eu, agora baseado em instrumentais bastante específicos, notadamente, nos que advêm da linguística e do estruturalismo. Ele adiciona que a imagem precisa de um aparelho simbólico – o que culmina na formulação do Esquema Óptico (ver capítulo II). Sucintamente, esse esquema se traduz na concepção de que, antes que possa se apropriar da imagem refletida, a criança volta seu olhar à mãe, que exerce o papel de grande Outro ao legitimar simbolicamente o valor dessa imagem, intervindo na relação narcísica do bebê com seu *petit autre* no espelho. O corpo do bebê é uma construção feita a partir de algo que provém da mãe e sua função simbólica – e deste momento em diante é igualmente subordinado aos símbolos.

É nessa passagem do corpo despedaçado do autoerotismo, ou seja, na passagem do eu especular e imaginário para o campo do grande Outro, que Lacan vai discutir a temática da corporeidade nas psicoses. Daqui se tem como referência o corpo inscrito pelo simbólico. Na hipótese lacaniana, é função do Nome-do-Pai, como significante primordial, sustentar a imagem do corpo, como também ordenar aquilo que é concebido pelo sujeito como corpo

próprio. Deve-se ocorrer uma operação de corte pelo significante sobre a carne para haver um corpo. Na psicose, como visto, não se realiza essa inscrição em decorrência da forclusão do Nome-do-Pai, o que gera toda a problemática voltada para a aquisição de um corpo próprio e de um eu corporal.

“Sem dúvida alguma vocês devem acabar por se dizerem – *Afinal de contas, não sabemos que, nas significações que orientam a experiência analítica, esse significante é dado pelo corpo próprio?*” (p.294, grifo do autor).

Se a relação com o próprio corpo é mediada pelo significante e vai ser construída a partir da alteridade, da identificação e da relação com os objetos, o sujeito psicótico está impossibilitado de, através do simbólico, fazer uma distinção clara entre imaginário e real (Rinaldi e Pitanga, 2020). Daí se mostra necessário lançar mão de mecanismos que darão maior consistência à existência do sujeito. Portanto, o delírio vai, na maioria dos casos, se adaptar, caminhar na direção da reconstituição de uma suplência ao déficit do significante paterno, mesmo que essa reconstituição também possa ruir posteriormente, quando confrontada com uma nova situação que exponha a sua fragilidade – a alegoria do tamborete de três pés.

A título de exemplo, o mês de novembro de 1895 é indicado pelo próprio Schreber como a época em que se produziu o nexo entre a fantasia de emasculação e a ideia de ser redentor – e, desse modo, preparou-se o caminho para uma conciliação com a primeira. Lacan se debruça sobre essa intrincada solução encontrada por Schreber, que passa pela metáfora delirante – a ideia de se tornar mulher para copular com Deus e dar ao mundo uma nova raça de schrebianos. Trata-se de um apaziguamento pela beatitude que reorganiza o campo de realidade, diminuindo também a hiância entre os registros imaginário e simbólico. Desse jeito, a metáfora delirante seria uma saída cuja função é de estabilização. Rinaldi e Pitanga (2020) seguem essa linha de argumentação e consideram o delírio como uma forma de resposta do sujeito ao confronto com o real, quando não é possível uma intermediação do aparelho simbólico. O real do corpo ganha, assim, uma significação, tal como ocorre com Schreber, que faz uma passagem de sintomas hipocondríacos e vivências do corpo despedaçado para uma paranoia, que oferece uma unidade corporal forjada por um sentido delirante.

“A partir do que chamo a badalada de anúncio da entrada na psicose, o mundo soçobra na confusão, e podemos seguir passo a passo como Schreber o reconstruiu, numa atitude de consentimento progressivo, ambíguo, reticente, *reluctant*, como dizem os ingleses. Ele admite pouco a pouco que a única forma de sair disso, de salvar uma certa estabilidade em suas relações com as entidades invasoras, desejantes, *que são para ele os suportes da linguagem desencadeada de sua algazarra interior*, é a de aceitar sua transformação em mulher. Não vale mais, depois de tudo, ser uma mulher de espírito que um homem cretinizado? *Seu corpo é assim progressivamente invadido por imagens de identificação feminina às quais ele abre a porta, deixa apoderar-se, faz-se possuir por elas, remodelar*. Há em alguma parte, numa nota, a noção de deixar as imagens entrarem dentro dele. E é a partir desse momento que ele reconhece que o mundo não parece aparentemente ter mudado a tal ponto desde o início de sua crise – retorno de um certo sentimento, sem dúvida problemático, da realidade.” (p.290, grifo nosso)

Obviamente, como seria de se esperar, Lacan considera que é no registro da fala que se explica toda a riqueza da fenomenologia da psicose. Ele propõe que, assim como qualquer discurso, “um delírio deve ser julgado em primeiro lugar como um campo de significação que organizou um certo significante” (Lacan, 1955-1956/1985, p.141) Contudo, ele se questiona: de onde esse discurso é extraído? Responde ele: do próprio corpo. Assim dizendo, o corpo parece oferecer, num certo nível, a possibilidade de nomeação deste discurso. O corpo é suporte do discurso, mesmo que esse discurso seja o discurso do alienado:

“Já que se trata do discurso, do discurso impresso do alienado, que estejamos na ordem simbólica é, portanto, indiscutível. *Posto isso, qual é o material mesmo desse discurso? [...] De maneira geral, o material é o próprio corpo*. A relação ao corpo próprio caracteriza no homem o campo, afinal de contas, reduzido, mas verdadeiramente irreduzível do imaginário. [...] Essa relação, sempre no limite do simbólico, só a experiência analítica permitiu apreendê-la em suas últimas instâncias. Eis o que nos demonstra a análise simbólica do caso de Schreber. Só pela porta do simbólico é que se consegue penetrá-lo.” (Lacan, 1955-56/1985, pp. 19-20, grifo nosso).

“Sem dúvida alguma vocês devem acabar por se dizerem - *Afinal de contas, não sabemos que, nas significações que orientam a experiência analítica, esse significante é dado pelo corpo próprio?*” (p.294, grifo do autor).

No fim das contas, como levantado por Capoulade (2016), uma leitura atenta do seminário das psicoses leva a crer que já existe um movimento por incluir ou articular os registros imaginário e simbólico no pensar da estrutura psicótica. Porém, neste momento, a ideia de uma precariedade orgânica ou fragilidade do corpo não está mais no centro, mas sim do corpo como suporte deste simbólico, como suporte da letra. Há também, ainda que de modo incipiente, uma tentativa de coordenar esse pensamento ao registro do real. Pois Lacan foi a cada lição destacando o papel, na psicose, da falta de um significante primordial, o Nome-do-Pai, e como, quando essa rejeição se produz e a metáfora paterna falha, os significantes são foracluídos e retornam de fora pela via do real – como é o caso dos fenômenos alucinatórios e delirantes.

Nesse sentido, Lacan se ocupou em conjecturar o inconsciente na psicose como aquilo que retorna no real. Naturalmente, o conceito de real aqui é ainda embrionário, mas pode-se observar que, confrontado com problema do corpo em sua dimensão real – para além da escrita –, Lacan procura desde já uma articulação entre os três registros. Ao que parece, essa articulação se tornará cada vez mais fundamental para se pensar a corporeidade em Lacan nas décadas seguintes.

CONCLUSÃO

A trajetória da humanidade é marcada por atos ou hábitos de modificações na anatomia corporal, incluindo a adição de objetos ao corpo e práticas de marcação corporal em diferentes culturas e períodos históricos – padrões que refletem o mal-estar que o corpo traz para todos os seres. No contexto das psicoses, esse desconforto frente ao corpo é vivido em toda a sua radicalidade por não haver sustentação simbólica que dê contornos à experiência corporal. Na ausência desse mediador simbólico, não apenas a percepção da realidade é comprometida, mas também se desvanece a noção de uma identidade corporal consistente.

Existe, no sujeito falante, na sua gênese, uma descontinuidade entre o sujeito e o seu corpo próprio. Como foi exposto, no caso da neurose, essa relação se mantém relativamente firme e sustentada pelo significante primário. Porém, no caso da psicose, a falta desse significante fragiliza ainda mais a relação disjunta entre o sujeito e o seu corpo, que passa a

depende de outros dispositivos e suplências para dar conta do real que se apresenta de modo avassalador em certas vivências corporais, tal qual visto no caso Schreber.

Com o relato de Schreber em mãos, Lacan pôde analisar suas memórias como se Schreber fosse um paciente de sua prática clínica, assim como Freud fizera antes dele. Notoriamente, desde o desencadeamento da doença de Schreber, verifica-se uma grave perturbação de sua experiência corporal, o que proporcionou a Lacan os subsídios necessários para encorpar sua teoria dos significantes, associando os delírios à linguagem e destacando o mecanismo da forclusão do Nome-do-Pai como princípio fundador da psicose – elaboração que ficou marcada como sua teoria clássica das psicoses, desenvolvida primariamente no terceiro de seus seminários.

Constatou-se que as inovações que Lacan propõe no terceiro ano do Seminário derivam de seu contato com Lévi-Strauss e com o pensamento estruturalista em geral. Assim, inspirado pela linguística e pela antropologia estrutural, Lacan deu início a uma ampla revisão de seus pressupostos teóricos, o que culminou no acréscimo de mais um registro – o simbólico – às categorias do real e do imaginário com que trabalhara até então. Foi por essa rota que Lacan empreendeu, em seguida, uma reinterpretação dos textos de Freud à luz dos conceitos emprestados do estruturalismo linguístico (significante, metáfora, etc). Simultaneamente, embora de maneira não muito assumida, ele reformulou suas concepções anteriores, argumentando que a determinação dos fenômenos da subjetividade não poderia mais ser totalmente circunscrita ao campo do imaginário, já que este seria organizado e sobredeterminado pelo simbólico.

Evidentemente, o que passa para o primeiro plano não é mais a função da imagem nos processos de subjetivação do corpo, mas sim o papel aí desempenhado pela linguagem. O corpo do sujeito passa a ser pensado pelas lentes do simbólico e do significante e, no limite, reduzido à sua estrutura. As principais oportunidades para discutir essa nova perspectiva sobre a questão da corporeidade se apresentaram, ao longo do seminário, nos comentários dedicados às memórias de Schreber, cuja sintomatologia Lacan utilizou para ilustrar as consequências da forclusão do significante paterno no modo como o corpo se articula à linguagem.

Viu-se que Lacan parte de uma concepção deficitária da psicose, déficit esse simbólico. A não entrada na cadeia simbólica traz uma série de consequências, como a não unificação do corpo e a não apropriação do corpo como próprio pelo sujeito. Na falta do

significante que intervém na relação do bebê com o Outro, o corpo não se constitui como separado, ou como próprio, não tendo a marca que o diferencia. Isso se intensifica na distinção entre a paranoia e a esquizofrenia, pois, na primeira, ainda se pode indicar a constituição de um eu, mesmo que sustentado imaginariamente; na segunda, porém, há um aquém da constituição, não há travessia pelo Estágio do Espelho, menos ainda entrada do simbólico. Aqui também retorna um dos temas centrais da teoria lacaniana do imaginário para expressar o sentido originário da corporeidade – a fantasia do corpo despedaçado.

Como foi discutido, as formulações do inconsciente lacaniano dizem respeito à fórmula da metáfora paterna – Nome-do-Pai –, que vem a substituir o desejo da mãe. É a metáfora que coloca esse nome em substituição ao lugar primitivamente simbolizado pela operação da ausência da mãe. Tal operação implica a ação de uma *Bejahung* (afirmação primordial), uma simbolização primitiva. O significante sofre a ação do recalque. Caracteriza-se, assim, o que se encontra na neurose.

De outro modo, na psicose, não há *Bejahung*, ou seja, o sujeito não sofre uma primeira representação, uma vez que o significante foi foracluído, o que deixa um furo na linguagem. A ação da *Verwerfung* se faz presente no real, pelo delírio, que, num sentido de suplência, pode ser uma via de retorno do que foi foracluído, numa espécie de tentativa de cura – o que se observou no caso Schreber pela metáfora delirante.

Toda essa ênfase no simbólico adquire um certo extremismo à medida que Lacan parece ter encontrado uma "certeza" ou um critério de cientificidade plausível para seu projeto epistemológico. A materialidade do significante torna-se, então, o elemento principal de sua psicanálise. A carne é investida pelo artifício da linguagem, que tece a trama da fantasia com a qual o corpo é revestido. O próprio corpo, o real do corpo, tudo que se refere à matéria em si, é intangível.

Bertrand Olgivie, em seu livro *Lacan: le corps et le nom du corps*, de 1992, imita o jogo de palavras que Lacan faz com as expressões “*le nom du père*” (“o nome do pai”) e “*le non du père*” (o “não do pai”) para associar o significante da metáfora paterna (o “Nome-do-Pai”) à função de interdição do pai (aquele que diz “não”). O autor sugere implicitamente em sua análise que “*le nom du corps*” (“o nome do corpo”) – isto é, o fato de que o corpo de que se trata na teoria lacaniana é, antes de tudo, um corpo de linguagem – é, em última instância, “*le non du corps*” (“o não do corpo”), ou seja, uma recusa da própria ideia de corporeidade. Em última avaliação, conclui-se que a posição radicalmente

antinaturalista que Lacan assume em sua concepção de sujeito acaba por desumanizá-lo num grau ainda mais elevado do que o reducionismo organicista ao qual pretendia se opor.

REFERÊNCIAS

- Capoulade, F. R. N. (2016). *O estatuto do corpo na psicanálise de Lacan: da construção do imaginário à formalização do objeto a*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos e École Doctorale Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie de l'Université Paris-Diderot.
- Carone, M. (1984). *Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura*. In: Schreber, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Edições Graal. (Biblioteca de Psicanálise e sociedade ; v. n. 5) (Trabalho original publicado em 1905)
- Coppus, A. & Maurano, D. (2022). *(Ab)usos do corpo: um olhar psicanalítico*. Curitiba, PR. Editora CRV.
- Freud, S. (2010). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia Paranoides) relatado em autobiografia ("O caso Schreber, 1911")*. In: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911 – 1913) – Obras completas, vol. 10. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Cia.das Letras. p. 13 - 107
- Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo*. In Obras completas. (Paulo César de Souza, trad., Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Gasparetto, M. A., Ribeiro, M. S. & Simanke, R. T. (2018). *O automatismo mental na obra psiquiátrica de Clérambault*. Analytica: Revista de Psicanálise, 7(13), 161-178.
- Gruner, R., Weinmann, A. O. e Souza, P. M. (2020). *Schreber escritor*. Psicologia Clínica, 32(3), 495-514.
- Julien, P. (1993). *O Retorno a Freud de Jacques Lacan: a Aplicação ao Espelho*. (Tradução de Ângela Jesuíno e Francisco Franke Settineri). Porto Alegre: Artes Médicas Sul. (Trabalho original publicado em 1989).
- Lacan, J. (1955) "*Seminário sobre "A carta roubada"*". In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 13-66.

Lacan, J. (1986). *O seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original de 1953-1954, tradução autorizada da primeira edição francesa publicada em 1975).

Lacan, J. (1985). *O seminário. livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956).

Lacan, J. (1987, 2ª Ed.). *O seminário: livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Datado de 1954-1955).

Lacan, J. (1998b). *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*. In *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1949).

Lacan, J. (2005). *O simbólico, o imaginário e o real*. Em Nomes-do-Pai (T. André, Trad., pp.11-53). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Original publicado em 1953).

Lacan, J. (2008). *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Conferência realizada em 1953).

Lacan Circle of Melbourne (2013). *Biographical and Historical Background to Freud's Schreber Case*. Retrieved from Archives of a Divided Subject [Psychology & Psychoanalysis in the 21st Century] [Biographical and Historical Background to Freud's Schreber Case | Archives of a Divided Subject](#)

Laurenti, C., Lopes, C. E., & Araújo, S. F. (Eds.). (2016). *Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos*. São Paulo: Hogrefe CETEPP.

Lothane, H. Z. (2019). *In defense of Schreber: Soul murder and psychiatry*. Routledge. (Trabalho original publicado em 1992)

Lothane, Z. (2010). The Legacies of Schreber and Freud. Publication Number 31, Summer-Winter 2010 Retrieved from: The European Journal of Psychoanalysis [The Legacies of Schreber and Freud - European Journal of Psychoanalysis](#)

Marinho, N. C. (2006). *Razão e Psicanálise: "O Caso Schreber (Freud, 1911)", revisitado a partir das contribuições de Marcia Cavell e Ludwig Wittgenstein*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

- Niederland, W. G. (1981). *O caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Rio de Janeiro: Campus.
- Ogilvie, B. (1992). *Lacan: le corps et le nom du corps*. In: J.-C. Goddard & M. Labruno (Eds.). *Le corps* (pp. 222-241). Paris: Vrin.
- Ogilvie, B. (2005). *Lacan. Le sujet: La formation du concept de sujet, 1932-1949*. Presses universitaires de France.
- Prado de Oliveira, L. E. (1997). *Freud et Schreber, les sources écrites du délire, entre psychose et culture*. Toulouse: Erès.
- Puchta, D. R. & Linhares, M. A. (2022). *Ginástica Doméstica de Daniel Schreber: Manuais em circulação nas últimas décadas do século XIX*. Educação em Revista [online].
- Quackelbeen, J. e Devresse, D. (1981). "*Schreber-Dokumenten*". In: *Psychoanalytische Perspektieven*, Gand.
- Rinaldi, D. & Pitanga, C. (2020). *Escritas do corpo na psicose*. Curitiba, PR. Editora Appris.
- Santner, E. L. (1997). *A Alemanha de Schreber: uma história secreta de modernidade; [a paranóia à luz de Freud, Kafka, Foucault, Canetti, Benjamin]*. Zahar.
- Schreber, D. P. (1984). *Memórias de um doente dos nervos* [traduzido do original alemão por Marilene Carone]. Rio de Janeiro: Edições Graal. (Biblioteca de Psicanálise e sociedade ; v. n. 5) (Trabalho original publicado em 1905)
- Simanke, R. T. (2002). *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. Curitiba, PR: Editora UFPR.
- Simanke, R. T. (2016). *A estátua, o autômato e o cadáver: a neutralização do corpo no pensamento de Jacques Lacan*. DOIS PONTOS (UFPR) DIGITAL, v. 13, p. 3-23.

APÊNDICE A

1842	Nasce em Leipzig, a 25 de julho, Daniel Paul Schreber, filho do médico ortopedista Daniel Gottlieb Moritz Schreber (1808-1861) e de Louise Henrietta Pauline Haase (1815-1907). Irmãos: Gustav (+3); Ana (+2); Sidonie (-4) e Klara (-6).
1858	Uma barra de ferro cai sobre a cabeça do pai, resultando em comprometimento cerebral irreversível.
1861	Em novembro, o pai, com 53 anos, morre de obstrução intestinal. Nos últimos anos de vida apresenta um quadro de neurose obsessiva grave com impulsos homicidas. Já é um médico famoso na Alemanha e no exterior — por seus livros sobre pedagogia, ginástica e higiene — quando morre em Leipzig.
1877	A 8 de maio, Daniel Gustav, irmão mais velho de D. P. Schreber, comete suicídio com um tiro, aos 38 anos de idade, logo após ser nomeado conselheiro de tribunal (Gerichtsrat).
1878	Daniel Paul casa-se com Ottlin Sabine Behr (1857-1912), quinze anos mais moça que ele. Diabética, é descrita como de temperamento infantil, tendo dado ao marido muito pouco apoio durante a sua doença. Ottlin Sabine não deu filhos a Daniel Paul; teve seis abortos espontâneos. Por ocasião de seu casamento, consta que Schreber sofreu um episódio de hipocondria, mas sem internação.
1884	Schreber é nomeado vice-presidente do Tribunal Regional de Chemnitz. A 28 de outubro, concorre às eleições parlamentares pelo Partido Nacional Liberal e sofre fragorosa derrota. A 8 de dezembro é internado na clínica para doenças nervosas da Universidade de Leipzig, cujo diretor é o Prof. Paul Emil Flechsig, uma das maiores autoridades da Neurologia e da Psiquiatria da época. O diagnóstico é de hipocondria. A internação dura seis meses.
1885	Em junho, alta hospitalar, com aparente cura. Schreber e a esposa fazem uma longa viagem de convalescença que se estende até o fim do ano.
1886	Schreber retoma as atividades profissionais em Leipzig, para onde fora transferido durante o período de internação, no cargo de juiz-presidente do Tribunal Regional.
1888	Schreber recebe uma honraria oficial: a Cruz de Cavaleiro de primeira classe.
1889	Nomeado presidente do Tribunal de Freiberg, transfere-se para aquela cidade.

Fonte: Carone (1984).

APÊNDICE B

1889	Nomeado presidente do Tribunal de Freiberg, transfere-se para aquela cidade.
1891	Por dois anos consecutivos (1891 e 1892) é eleito por seus pares membro do Colegiado Distrital de Freiberg.
1893	Em junho, recebe a visita do ministro da Justiça, que lhe anuncia a iminente nomeação para o cargo de Senatspräsident (juiz-presidente da Corte de Apelação), na cidade de Dresden, para onde Schreber se transfere, imediatamente, com a esposa. A posse no cargo se dá a 1º de outubro. A 10 de novembro, viaja com Ottlin Sabine para Leipzig, com o objetivo de consultar mais uma vez o Prof. Flechsig. Queixa-se de angústia e de insônia insuportável. Durante dez dias, Flechsig tenta tratá-lo em casa, sem resultados. A 21 de novembro, Schreber é internado novamente na clínica da Universidade de Leipzig, onde ficará por seis meses.
1894	Schreber é posto sob curatela provisória, por motivo de doença mental. De 14 a 28 de junho permanece no hospital de Lindenhof, mencionado nas Memórias como "a cozinha do diabo", e dirigido pelo Dr. Pierson. A 29 de junho dá entrada no sanatório de Sonnenstein, onde permanecerá até 1902, com o diagnóstico de dementia paranoides.
1899	Em outubro, Schreber começa a se interessar por sua situação legal e denuncia como irregular a curatela provisória sob a qual se encontra. Inicia um processo em prol da recuperação da sua capacidade civil.
1900	De fevereiro a setembro, redação dos vinte e três capítulos das Memórias. Em março, a primeira sentença do Tribunal é desfavorável ao pedido de suspensão da curatela e declarada como definitiva a interdição legal. Schreber interpõe recurso e apela da sentença. De junho deste ano até outubro de 1901, redação da primeira série de suplementos das Memórias.
1902	A 14 de julho a Corte de Apelação concede finalmente o levantamento da interdição e Schreber recupera a capacidade civil plena. No final do ano, a redação da segunda série de suplementos e da introdução. Em dezembro, alta hospitalar.
1903	Redação da carta aberta ao Prof. Flechsig. O casal Schreber passa a viver em Dresden e adota uma menina de 13 anos de idade. Com cortes e supressão de um capítulo, são publicadas em Leipzig, pelo editor O. Mutze, as Memórias de um doente dos nervos.
1907	Em maio, morte da mãe de Schreber, aos 92 anos de idade. Daniel Paul encarrega-se das questões legais relativas ao inventário. Nos primeiros dias de novembro, Schreber é procurado por representantes das "Associações Schreber" que pedem o reconhecimento de sua legitimidade. A 14 de novembro a esposa de Schreber sofre um derrame cerebral que resulta em afasia por quatro dias. Schreber entra em crise de angústia e insônia e afirma estar sofrendo uma recaída. A 27 de novembro é internado no sanatório de Dösen, próximo a Leipzig.
1914	No dia 14 de abril, morre Daniel Paul Schreber, aos 69 anos de idade, no sanatório de Dösen." (p.17-19).

Fonte: Carone (1984).